

CIRCUITO CULTURAL

Almas Lamas, Heloísa, Qykatadori Diogo Paulo

O MUSEU QUE NÃO SERÁ CONSTRUÍDO

Não há interesse do Brasil institucional, tão pouco de sua população para que um museu que retrate nossa realidade seja edificada. Esse projeto portanto tomará posse de um sítio construído, um local já consolidado. A rua será o local de exibição e a exibição será a rua. Em parte a via será a passagem. Irá conectar centros culturais existentes e equipamentos que serão propostos, sendo assim, obrigatoriamente, confortável, acessível, seguro e abrangente à diversos públicos, buscando amparar as coreografias do cotidiano. Noutra deverá ser a própria exposição, buscando aguçar e provocar os sentidos, de crianças a idosos. O projeto deverá ser uma proposta para abrir possibilidades de vivência à rua 3 do Setor Central.

“Todo mundo tem direito à estética” - Ruy Oshaka

«O grande museu hoje é a própria cidade»

- Paulo Mendes da Rocha

Local de grande expressividade artística, que hoje possui ricos murais que retratam o cotidiano goiano, lambes de artistas desconhecidos de ponta à borda, dois importantes museus, o primeiro teatro da capital, um centro cultural de murais, a Rua 3 possui um grande potencial para se tornar um complexo cultural que aremeca e acolha tudo que somos e podemos ser.

Essa rua, assim como outras do setor central, possui uma dualidade de públicos, e ocupações. Durante o dia o comércio comum toma posse, à noite a prostituição, formada em grande parte pela população Queer, perpetua no local.

Este uso noturno foi o que gerou ao longo dos anos diversas intervenções, restaurações urbanas higienistas, como por exemplo a última reforma da rua do lazer.

Todo aquele que pode ter acesso a rua é um provável usuário.

Arquitetura - Parangolé - uma visão ambiental da cidade em um esforço por fazer por fazer aderir corpo e cidade, ação e preexistência, saber popular e técnico.

Arquitetura serve para organizar o espaço. Disciplina fechamentos e estruturas, sombras, texturas, mas não se vive em paredes, pilares, vigas e lajes. A vida ocorre no vazio. A arte não serve para a rua. A arte é tudo, é liberta de qualquer severidade, expressa tudo que a vida pode querer. Não por acaso o museu mais reconhecido deste país é um grande vazio. Arquitetado para tudo com muito pouco. Dois pórticos. Um espaço no térreo se difere da rua pela pavimentação tríplice e pelos elementos vermelhos. O MASP é um museu. A Fundação Getúlio Vargas é um museu. Eventos aos pés desse edifício deixaram marcas na história do Brasil e acarizos na sua cultura. Manifestações de gosto fascista, exclamações anticomunistas, gritos conservadores, o Exatão da Parada Gay tudo em um vão. Múrdios, desolados, serbões com caca de boque vendendo cerveja, ONGs proselitando agitação, pessoas em situação de rua, feiras de artesanato, indivíduos alagados com a loba de devotares, um Conjunto que em seu nome já se mostra Nacional, prédios nitidamente brasileiros e um shopping center, edifícios e edifícios icônicos para este país, tudo isso no Exatão Vão na Avenida Paulista.

Um Circuito se difere de um Centro pela sua abrangência, não apenas em quantidade de tipos de edifícios culturais, o esto-caminharia, forma vigorosa por vezes catarsica e desmembrada que orienta seu uso, como também na sua capacidade comunicativa e receptiva com seus usuários.

O Museu Oscar Niemeyer é extremamente comunicativo, se destaca, se impõe mas afasta. Não há dentro do estacionamento causado pelo espelho d'água, o imbu do museu havia sido delineado, a maneira que a arquitetura dialoga também.

Intuitos geram soluções, imposições e conexões. Neste caso a imposição era menos livre do que a conexão.

Em um Circuito Cultural Urbano, indústria, a conexão deve ser o ponto principal. O espaço para o diálogo, seu eixo. O vão a sua estrutura. A expressão dos mais diversos usuários há de ser acolhida. É importante tentar compreender quem são essas pessoas, o que a cultura delas revela e o que pode vir a ser o espaço para acolher e gerar (em um delírio) preservar Futuro.

Os homens como eles são e serão como podem ser. Compreender, as necessidades de abrigos é importante, entender a multiplicidade da obra de arte é fundamental. Segundo C. A. Leto Brandão um fazer artístico deve (...) ater-se aos princípios de unidade tempo, ação e lugar que a capacita a condensar as ações e concentrar a ação de todo a que ela, afastando-se da dispersão do contingente, revela um sentido e promove a catarsis e o auto-reconhecimento do espectador. É, assim, fazendo, da-se a verdadeira de sentido e oferece um conhecimento da verdade que antes se ocultava. Tal experiência da verdade é o que impõe o espectador e, portanto, é o outro tipo de verdade que se anuncia na obra de arte.

A vida dos outros deve estar sempre presente naquele que manifesta expressões ou imposições. Um quadro ou uma empresa cega impõem à quem os vêem sensações distintas, mas podem estar presentes em um outro. O quadro na empresa, a empresa pintada no quadro, a arquitetura e a arte são unidades por aqueles que os utilizam.

INTERVIR PARA ABRIR ESPAÇO PARA INTERVENÇÕES

Os usuários dos espaços com total liberdade para adicionar suas contribuições às intervenções, moldando a cidade em uma capital de construção coletiva, constante e democrática

reabilitar o plano horizontal a partir da intervenção artística no plano vertical

«(...) e caminhar tem produzido arquitetura e paisagem, e que essa prática, quase inteiramente esquecida pelos próprios arquitetos, tem sido reabilitada pelos poetas, pelos filósofos e pelos artistas capazes precisamente de ver aquilo que não há, para fazer brotar daí algo» - Gilles A. Therghien

Edifício rotunda
Quadra porosa
A construção do vazio
O valor do existente

O LOCAL

AGITE

O LOCAL

ENTRADA MARCO
MUSEU QUE NÃO SERÁ CONSTRUÍDO
PRAÇA DE MANIFESTAÇÃO
PONTO DE APOIO
ELEMENTOS EXISTENTES DE RELEVÂNCIA CULTURAL E DE CONEXÃO

A quebra entre o espaço público e o privado

MUSEU DA ESCULTURA

O edifício que se abre

A=550 m²

A cobertura

GRANDE HOTEL

UM ALBERGUE PARA ARTISTAS INTERVENZIONISTAS
A RUA DEVE ESTAR ABERTA E PREPARADA PARA RECEBER TODOS

REATIVAR O GRANDE HOTEL COMO HOTEL PARA RECEBER AQUELES QUE QUEREM VIVER A RUA PARA SE TRANSFORMAR PARTE DELA

FACHADA RUA 3

FACHADA AVENIDA TOCANTINS

FACHADA POSTERIOR

MUSEU DA ESCULTURA E A RUA PARA PEDESTRES

A Casa dos Aros: A Praça Daulton Paula e O Edifício Iótila.

A Casa dos Aros possui uma cativante estética, com elementos que marcam e refletem outros edifícios do centro de Goiânia. Essa residência foi incorporada ao lote que se encontra entre a Rua 3 e a Avenida Tocantins. É neste local que a curadoria do Museu, a bilheteria, o sanitário e a cafeteria se encontram.

A Praça Daulton Paula é o elemento que une e permeia o Museu. Esta praça, que também é uma via para pedestres, possui mobiliário inspirado - assim como a Praça das Idades - na obra de Oiticica. A praça se abre para que murais. Um elemento de passagem, um espaço lúdico, um espaço para contemplação.

O edifício rotunda é um pavilhão de exposições. É formado por linhas de pilares de concreto, painéis brancos, que orientam a passagem e o olhar ao edifício e se tornam telas a serem pintadas pelo usuário que constrói a rua.

FACHADA LATERAL DIREITA

O lado do edifício

Boca

Rua Compartilhada

O BECO & A PRAÇA

TEATRO ATRACA
OS LABS
O ADMINISTRADOR
O APOIO
A CONTRA ARQUITETURA DE GÊNERO

LOCAL DE APOIO PARA TRABALHADORES DA NOITE
ESPAÇO DE MANIFESTAÇÕES E ACOELHIMENTO
ESPAÇO DE CONVÊNIÊNCIA

PRONTO SOCORRO

ENTRADA, SANITÁRIO E ACESSO

LABIRINTO EXPOSITIVO

PRÇA DAS IDADES

LÚDICO
ACESSÍVEL
VISÃO SEGURANÇA
O PEDESTRE

PRÇA DAS IDADES

LÚDICO
ACESSÍVEL
VISÃO SEGURANÇA
O PEDESTRE

A Praça das Idades possui dois intuitos: acolher as crianças e os idosos, promover um convívio rico e harmônico entre as gerações. Essa praça é um local que possui mobiliários lúdicos, inspirados nos Metasquemas de Hélio Oiticica. É um espaço arborizado, rico em texturas, cores e bancos. Possui espaços gramados, áreas com areia, pavimentação que se diferencia da parte restante da quadra. Um espaço de permanência para idosos, crianças, seus cuidadores e também um espaço para carrinhos de pipoca e carrinhos de churrasco.

Beco dentro de Beco dentro de Beco

No quarteirão do Beco da Codorna, na Rua 3, ao lado do Centro Municipal Goiânia Ouro, há dois estacionamentos. Estes lotes circundados por elementos culturais e boa infra-estrutura, não servem à cidade mas sim ao carro. Por estarem subutilizados empobrecem a vida do Setor Central.

Serão nestes dois lotes que um labirinto artístico irá se revelar, prolongando a área do Beco, o conectando com a Rua 3, sem desprover a população que utiliza este lugar da sua intimidade. Pequenos Becos, formados pelo Mobiliário Modular, foram constituídos. O Beco da Codorna não deixa de ser Beco com a abertura, mas se multiplica, transforma, acolhe e abre espaço para ampliar este museu a céu aberto.

A proposta elaborada para o Beco da Codorna foi separada em três componentes: O Gênerador, O Edifício e O Labirinto. Entre estes componentes, unido-os, há a Praça Câmara Filho.

O BECO & A PRAÇA

TEATRO GOIÂNIA
VILA CULTURAL CORA CORALENI
JÓQUEI CLUB

RUA COMPARTILHADA
MURIS PRAÇA
MOBILIÁRIOS DE USO MULTIFUNÇÃO
BANCOS BENEVOLENTES, FLORÁRIAS
Facilidade de permeabilidade para crianças e idosos

PRÇA DAS IDADES

LÚDICO
ACESSÍVEL
VISÃO SEGURANÇA
O PEDESTRE

ENTRADA MARCO
QUADRA LÚDICA
PONTO DE CONVÊNIÊNCIA
ENTRE A ALLEGRIA DOS BURRITOS E A RUA

Calças Escaladoras
Praça do Jôquei Clube

RUA 3

Centro Subterrâneo do Aproveitamento

PRÇA DAS IDADES

LÚDICO
ACESSÍVEL
VISÃO SEGURANÇA
O PEDESTRE

REVIVER O CÔRREGO DOS BURRITOS
TRANSFORMAR O JÓQUEI EM UM CCBB
RESTAURAR E VALORIZAR O QUE TEM VALOR ARQUITETÔNICO E AMBIENTAL

RUA DE PEDESTRES
RUA COMPARTILHADA

comércio de apoio ao desenvolvimento
banco de restauração
banco de captação de águas
muro de Jôquei vazio atual
mobiliário lúdico

O Bóssio e o Jôquei e mobiliário modular

O Mobiliário Modular possui duas funções conceituais fundamentais para a definição de sua forma: o Acolhimento e o Volume Tela.

Esse projeto paisagístico busca retomar a proposta de Paulo Mendes da Rocha, de cuidado com a natureza que existia ao lado do Jôquei até 2007. Na quadra do Jôquei o Córrego dos Burritos será renaturalizado.

Esse projeto paisagístico busca retomar a proposta de Paulo Mendes da Rocha, de cuidado com a natureza que existia ao lado do Jôquei até 2007. Na quadra do Jôquei o Córrego dos Burritos será renaturalizado.

Esse projeto paisagístico busca retomar a proposta de Paulo Mendes da Rocha, de cuidado com a natureza que existia ao lado do Jôquei até 2007. Na quadra do Jôquei o Córrego dos Burritos será renaturalizado.

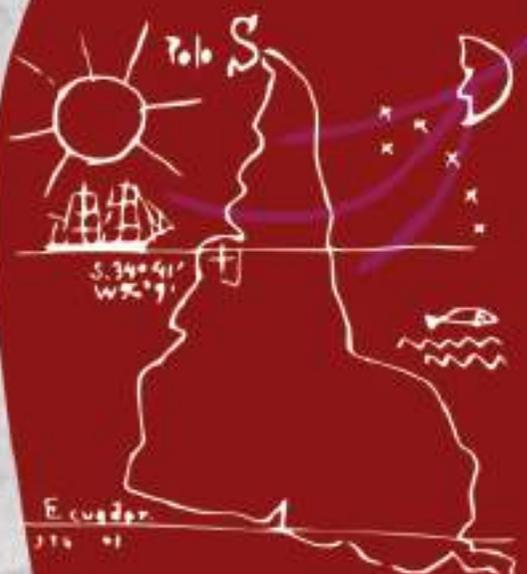
Esse projeto paisagístico busca retomar a proposta de Paulo Mendes da Rocha, de cuidado com a natureza que existia ao lado do Jôquei até 2007. Na quadra do Jôquei o Córrego dos Burritos será renaturalizado.

o sucesso da reestruturação não deve ser visto como uma meta única, do tipo tudo-ou-nada, mas como um processo adaptativo onde conquistas e derrotas se sucedem ao longo do tempo, levando à redefinição de prioridades e metas que possam atingir objetivos econômicos e sociais mais amplos. (MILNER, 2008, p. 103)

AMAR E MUDAR AS COISAS ME INTERESSA MAIS

CIRCUITO CULTURAL

BUA É







**«O grande museu hoje
é a própria cidade»**

- Paulo Mendes da Rocha



SUMÁRIO

Justificativa

Contexto

Sítio

Perfil do usuário

Temática

Tipologia

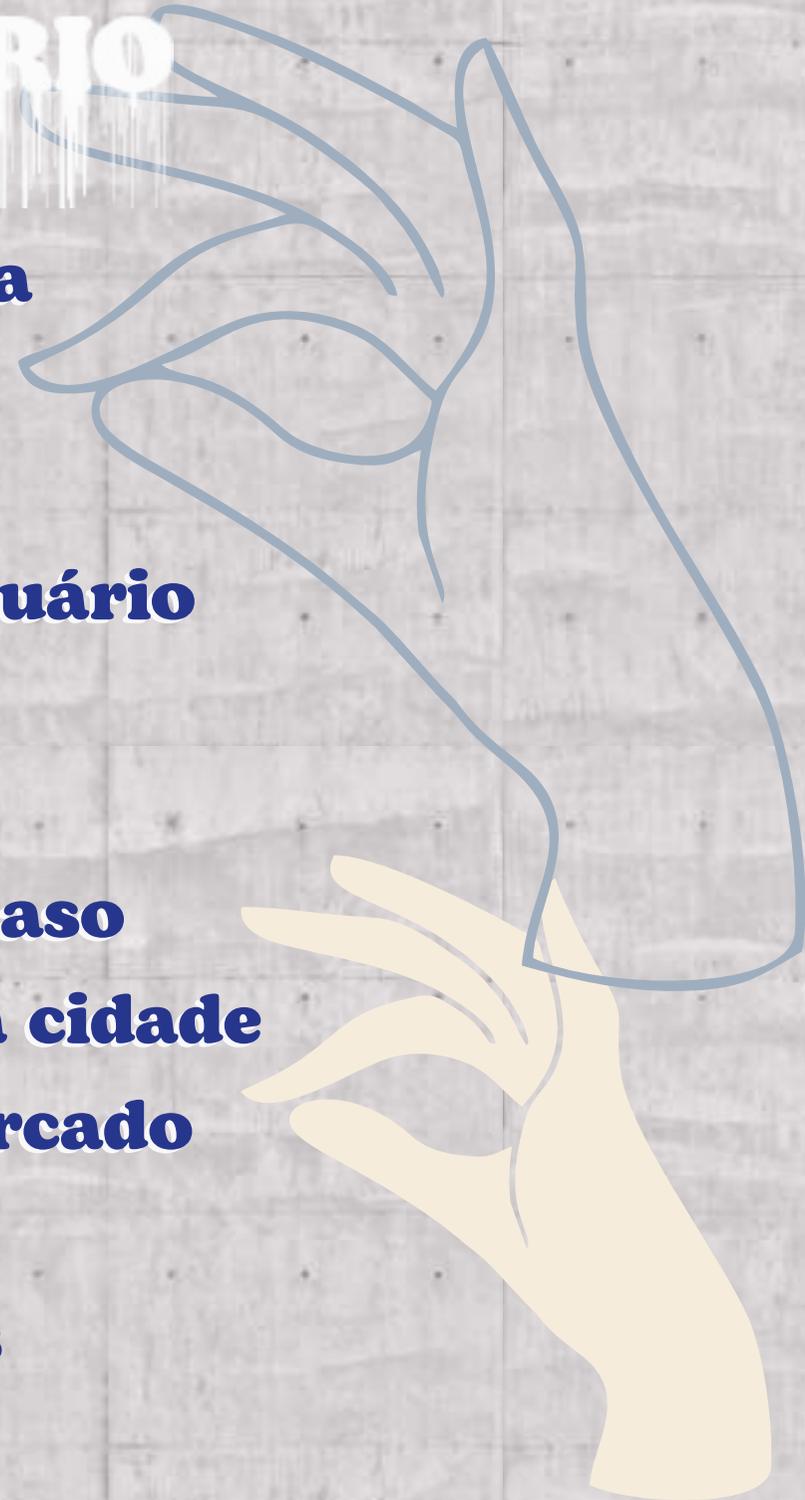
Estudo de caso

Estatuto da cidade

Lugar e mercado

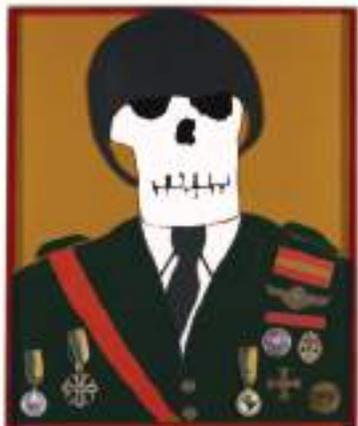
Proposta

Referências

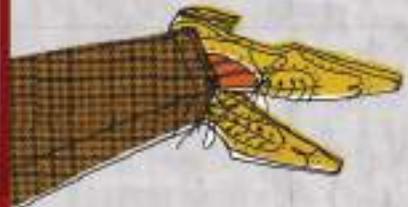


**A falta de interesse por espaços
públicos que manifestam a
reflexão crítica sobre períodos
traumáticos é um sintoma da
mansidão populacional.**

O MUSEU QUE NÃO SERÁ CONSTRUÍDO



O HÍDRO



Um projeto arquitetônico que retrate o que se passou durante a ditadura militar ou qualquer outro momento vivido por este país não será construído. Não há interesse do Brasil institucional, tão pouco de sua população para que um museu que retrate nossa realidade seja edificado. Contudo, a exaltação do que somos é necessária, sem ardilosos patriotismos, mostrar o que fomos/somos e podemos ser deverá ser terapia para os nossos traumas.

Esse projeto portanto tomará posse de um sítio construído, um local já consolidado. A rua será o local de exibição e a exibição será a rua.

Em parte a via será a passagem. Irá conectar centros culturais existentes e equipamentos que serão propostos, sendo assim, obrigatoriamente, confortável, acessível, seguro e abrangente à diversos públicos, buscando amparar as coreografias do cotidiano. Noutra deverá ser a própria exposição, buscando aguçar e provocar os sentidos, de crianças a idosos. O projeto deverá ser uma proposta para abrir possibilidades de vivência à rua 3 do Setor Central.



vai e vem

e e

vem



O MUSEU QUE NÃO SERÁ CONSTRUÍDO



“Mais além da grande diversidade de cidades contemporâneas, há um elemento que é a chave para a melhora da qualidade de vida, para o aumento da sociabilidade e para a aproximação da sustentabilidade: a qualidade do espaço público.”

-Josep Maria Montaner e Marina Simone Dias

O centro de Goiânia é distintamente formado por um rico comércio. A riqueza da diversidade, do movimento e do convívio social, suas cores, seus cheiros, são fatores que agregam vida e sensibilidade à cidade. Quando esse comércio rico em diversidade se fecha um diferente público ocupa o local. Pessoas em situação de rua encontram naquele ambiente um local para si. Junto a pontos de atividades marginalizadas encontra-se o Centro, com a sua arquitetura Art déco desfalcada de cuidados.

É importante ressaltar que o Complexo Cultural aqui proposto não irá propor readequações para segregar ou de alguma forma banir o público que o apropria no horário não comercial. Esse não é um projeto de gentrificação do Setor Central, pelo contrário, a adequação da Rua 3 e seu entorno deverá buscar amparar as necessidades dos mais diversos públicos e dar espaço para suas expressões.

Propor espaços entre pessoas divergentes é um exercício fundamental para estimular a alteridade.



O MUSEU QUE NÃO SERÁ CONSTRUÍDO

CONTEXTO SETOR CENTRAL



«Em meio às transformações econômicas, sociais e políticas em processo nas primeiras décadas do século XX, quando se manifestam tensões e conflitos, surge Goiânia. No bojo da revolução de 30, ela é a expressão da busca da modernização no cerrado goiano, no interior do País.»

-Maria Dina Araújo Coelho Vaz e Maria Heloisa Veloso e Zárato



O Complexo Cultural, como foi anteriormente dito, será a Rua 3 do Setor Central.

O Setor Central é um dos bairros mais populosos de Goiânia. Caracterizado por um grande número de pequenos prédios comerciais, onde a art' decó - arquitetura das décadas de 1930 e 1940- é expressiva. No centro situam-se monumentos e locais de grande importância para Goiânia.

Foi o primeiro bairro de Goiânia. Planejado por Atilio Correia Lima, na década de 1930, possui o traçado urbano modernista. Nele as idéias acerca da funcionalidade perpetuam, evidenciada no zoneamento - fortemente influenciado pela divisão do trabalho - funcionalista, racional e funcional, na hierarquização viária e no controle do uso e da ocupação do solo alinhado com o urbanismo clássico.

O elemento de maior peso para esse bairro é a Praça Cívica, sede do Centro Administrativo, de onde se irradiam as três principais avenidas (Goiás, Araguaia e Tocantins). A Avenida Paranaíba é perpendicular às três avenidas mencionadas, conectando o Parque Botafogo ao antigo aeroporto (localizado no atual setor Aeroporto).



O MUSEU QUE NÃO SERÁ CONSTRUÍDO



C O N T E X T O S E T O R C E N T R A L



Desde o plano diretor original estava estabelecido mecanismos de apropriação e produção capitalista do espaço. As grandes avenidas do Centro (Goiás, Araguaia e Tocantins) foram desenhadas para que o exército possa facilmente percorrer, assim como em outras cidades que possuem traçado similar (um exemplo é Paris). É importante ressaltar que a Revolução de 30, de Getúlio Vargas, foi uma tomada de posse pelo poder executivo, ou seja, inaugura uma ditadura. Esta possuiu fortes traços fascistas, sua constituição ficou inclusive conhecida como Polaka.

Goiânia, portanto, nasce em um governo repressivo. A mudança da capital foi política, estabelece um novo alinhamento estado-Estado. Outro ponto importante do início da capital é que Atilio, como foi dito anteriormente, foi modernista. Os elementos art'decó das fachadas dos edifícios públicos foram anexados após seu pedido de demissão e retirada do projeto de Goiânia. O art'decó, na Europa, foi a arquitetura dos edifícios institucionais dos Estados fascistas e nazista, aqui foi usado com o mesmo intuito: mostrar o alinhamento político do governo da região.

A falta da crítica urbanística, ao longo dos anos, alinhada à apropriação do espaço urbano contemporâneo, transformou o Centro em um local que desconsidera a atual cultura urbana. O esvaziamento, abandono, marginalização, são atores que formam e permitem visualizar as premissas das territorialidades, colocando o centro como local de fissura e concretude. São dois públicos que ocupam o Centro hoje: o diurno e o noturno.



«A transferência da capital goiana, marcada pela construção de algo grandioso “no meio do nada”, não só buscava um marco histórico como fuga ao estigma rural/campestre como uma demonstração da capacidade de produção de algo moderno e extremamente urbano.»

-Áureo Silva

AVENIDA ANHANGUERA

RUA 3

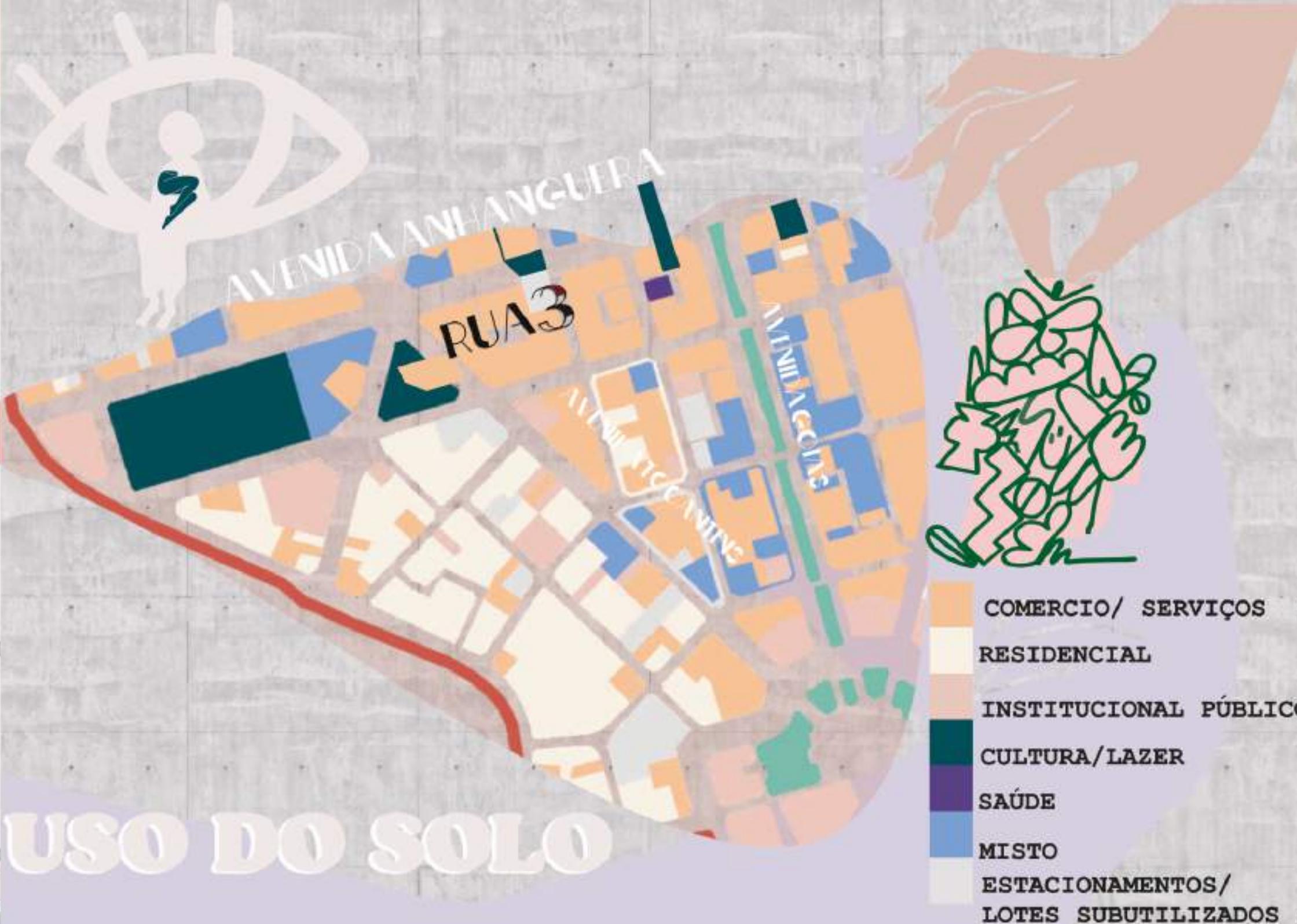
AVENIDA CECILIA

AVENIDA GILLES



O LOCAL





SETOR CENTRAL

HIERARQUIA VIÁRIA



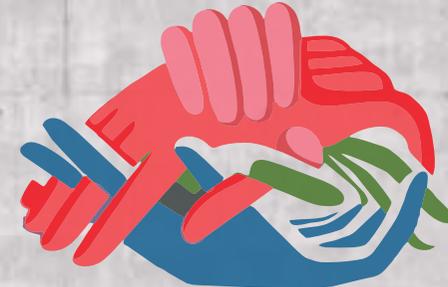
LEGENDA

- VIA ARTERIAL
- VIA LOCAL
- VIA PARA PEDESTRE

ÁREA DE ESTUDO



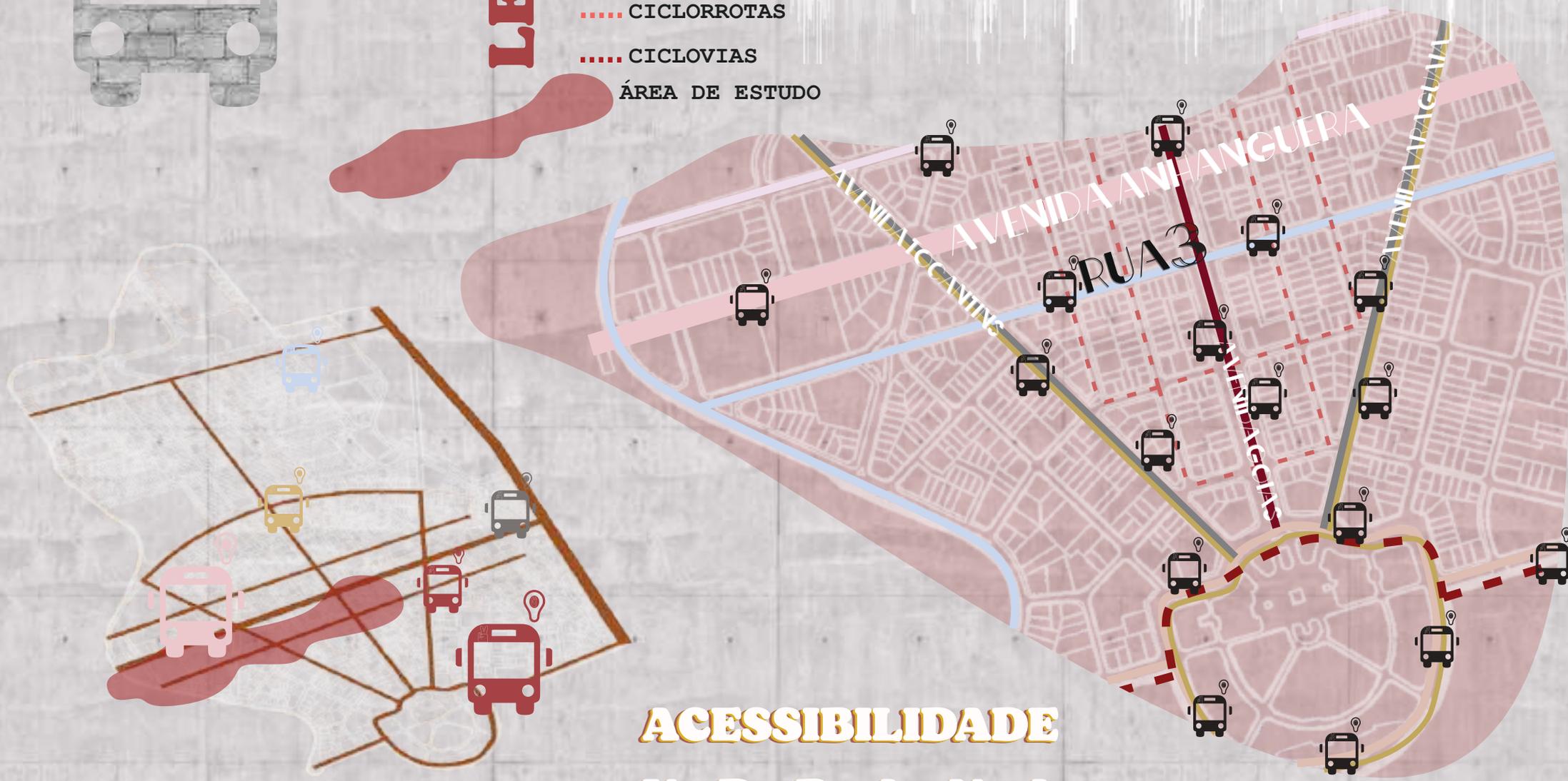
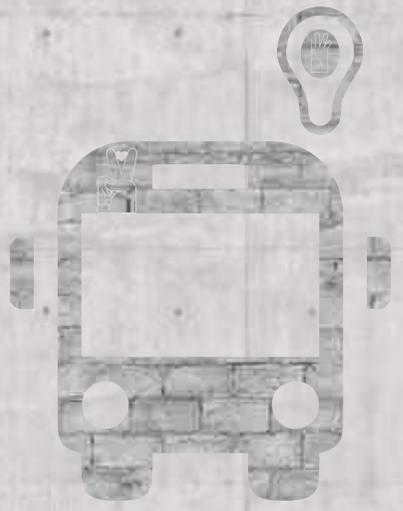
*OS DADOS PARA A ELABORAÇÃO DESTA MAPA FORAM RETIRADOS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE LUISA ALVES SANTANA



SETOR CENTRAL

LEGENDA

- EIXO T-9
- MARGINAL BOTAFOGO
- LINHAS DE LIGAÇÃO
- EIXO NORTE-SUL
- EIXO T-7
- EIXO 85
- CICLORROTAS
- CICLOVIAS
- ÁREA DE ESTUDO



ACESSIBILIDADE URBANA

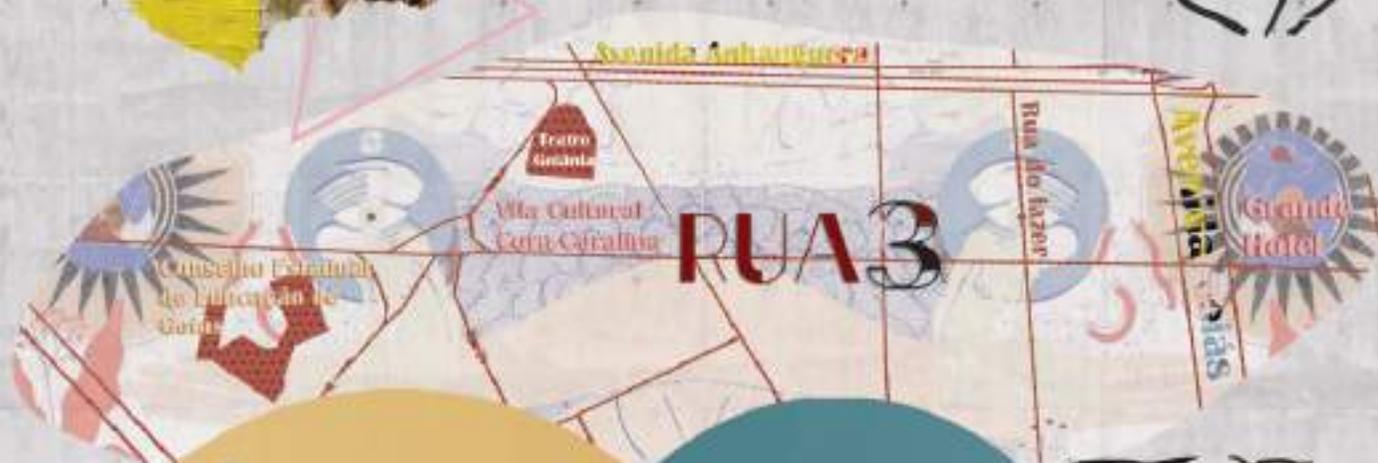
O LOCAL

Rica em equipamentos culturais, repleta de edifícios de grande importância histórica e arquitetônica a Rua 3 é um local demasiadamente significativo para a capital goiana.

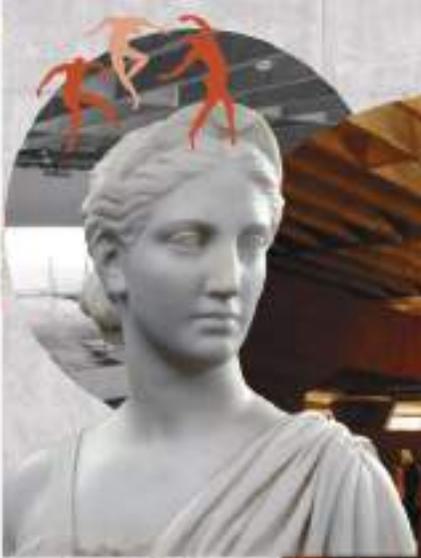
Diversos edifícios e ambientes públicos relevantes para a arquitetura e para a história da cidade são encontrados nessa rua.

Eles são:

- Sede do Jockey Clube de Goiás;
- Conselho Estadual de Educação de Goiás;
- Teatro Rio Vermelho;
- Vila cultural Cora Coralina;
- Edifício Goiandira, sendo um dos primeiros edifícios mistos de muitos andares da capital;
- Antiga sede da antiga BANESPA, uma atual agência do banco Santander;
- Grande Hotel;
- Beco da Codorna;
- O shopping center ouro , com o seu cinema.



O LOCAL



«A grande feira de sexo, com os mais variados usos e apropriações, acabam demonstrando aspectos de um "centro não oficial". Por mais que parte desta territorialidade exista também em período diurno, como no caso dos cinemas pornô, são nas madrugada que os corpos e espaços de interação com mais intensidade, transformando os territórios isolados em ocupações territoriais visíveis espacialmente. É o apagar das luzes normativas que a territorialidade queer se mantém acesa, ganhando força e intensidade»

-Aurco Silva



O LOCAL

Local de grande expressividade artística, que hoje possui ricos murais que retratam o cotidiano goiano, lambes de artistas desconhecidos de ponta à borda, dois importantes museus, o primeiro teatro da capital, um centro cultural de murais, A Rua 3 possui um grande potencial para se tornar um complexo cultural que arremeta e acolha tudo que somos e podemos ser.

Essa rua, assim como outras do setor central, possui uma dualidade de públicos e ocupações. Durante o dia o comércio comum toma posse, à noite a prostituição, formada em grande parte pela população Queer, perpetua no local.

Este uso noturno foi o que gerou ao longo dos anos diversas intervenções, restaurações urbanas higienistas, como por exemplo a última reforma da rua do lazer.

**O Centro Cultural
será a rua. Não há lugar mais plural e
eloquente do que a rua.**



O LOCAL



Shopping Center

Ouro



«O Centro Municipal de Cultura Goiânia Ouro foi inaugurado em 21 de junho de 2006, com o objetivo de democratizar o acesso da população aos bens culturais, e fomentar o talento local em todas as suas formas de manifestação. Atualmente, o Goiânia Ouro possui um teatro com capacidade para 291 pessoas, um cinema com capacidade para 217 pessoas, um bar conhecido como Café Cultura, além de uma loja e o espaço Prosa e Verso.»

-Prefeitura de Goiânia



O LOCAL



Inaugurado no ano de 2014, o Beco do Corna foi um reflexo da tendência da arte urbana que estava aflorando na cidade. Uma verdadeira galeria a céu aberto prestigiando a cultura do grafite.

O museu foi idealizado por alunos de Publicidade e Propaganda e os responsáveis por dar vida ao projeto foram artistas goianos, moradores e membros da Associação dos Grafiteiros de Goiânia, em um lindo trabalho coletivo. Contudo o espaço se encontra abandonado, se transformou em estacionamento, depósito de lixo e entulho.

«Hoje, não há mais nenhum imóvel ocupado lá dentro. Inclusive há dois deles que estão completamente abandonados»

- Eduardo Aiog, presidente da Associação de Grafiteiros de Goiás. A sede da associação era um dos imóveis do Beco do Codorna, o edifício foi deixado por causa da situação do local.

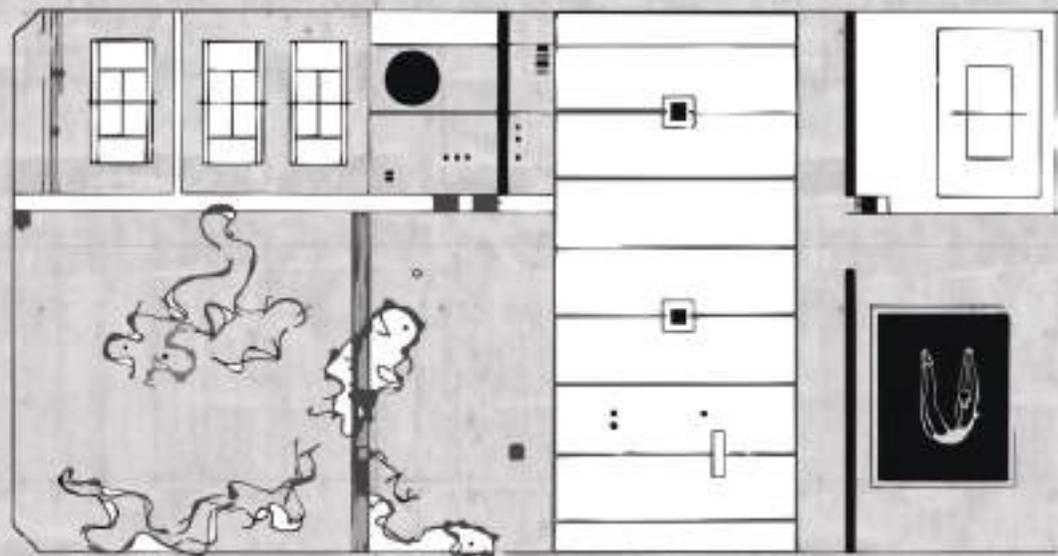
O LOCAL



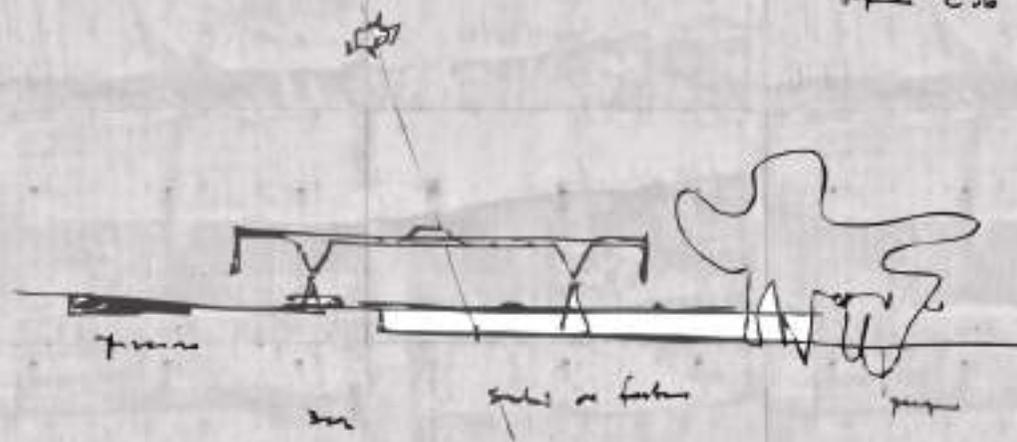
A quadra 68 do setor Central é um ponto notório da capital goiana. Localizada entre a Rua 3 e a Avenida Anhanguera, a poucos metros do Teatro Goiânia e da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, essa quadra abriga um dos edifícios mais marcantes de Goiânia: O Jockey Clube de Goiás.

Este edifício que foi projetado no início da década de 1960, atuou como um marco na paisagem e na vida da cidade. O Jockey Clube “pertence a um conjunto de significativas obras referenciais da arquitetura moderna na capital de Goiás por possuir características particulares que geram novas relações entre o edificado e o urbano, criando novas espacialidades e reinterpretações do lugar moderno.” (Caixeta, 2013)

Para escolher o projeto, foi feito um concurso nacional de arquitetura em 1962. Os arquitetos e urbanistas Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro saíram vencedores. A ideia era fazer um clube urbano com área compacta, que ocupa 11,5 mil m² de um terreno de aproximadamente 22 mil m², entre a Rua 3 e a Avenida Anhanguera.



João Carlos



O LOCAL



“Uma de suas características marcantes é o diálogo que estabelece entre a área edificada e seu exterior, através de uma grande cobertura, transversal as ruas que o cercam. O ingresso ao interior do edifício é realizado por uma espécie de túnel que dá lugar a uma rampa, cuja função é distribuir os usuários por suas diferentes áreas, conectando-os as áreas do bosque, das piscinas e das quadras de esportes. A área de piscinas, paradoxalmente tratada como uma praça seca e elevada em relação ao resto da área construída, é outro elemento que marca a arquitetura do projeto” (Artigas, apud Monteiro, R. H. e Rocha, C. 2000)

O projeto do clube foi elaborado pelo premiado arquiteto Paulo Mendes da Rocha. No projeto original “o ingresso ao interior do edifício é realizado por uma espécie de túnel que dá lugar a uma rampa, cuja função é distribuir os usuários por suas diferentes áreas, conectando-os as áreas do bosque, das piscinas e das quadras de esportes.”

O Jockey está localizado em um terreno de aproximadamente 22.000 m², em que apenas 11.500 m² são de área construída. Metade da área do terreno foi estabelecida desde seu projeto para permanecer como área permeável, um parque onde passa um córrego sob: o Córrego dos Buritis.

Por décadas o projeto permaneceu como foi idealizado pelo arquiteto. Contudo no início dos anos 1990, o clube entrou em processo de decadência financeira o que contribuiu para falta de conservação da área durante as décadas de 1990 e 2000, e seu fechamento, em 2009. Quando o clube estava em evidente decadência, na área não edificada, onde havia uma mata densa de árvores adultas de grande porte, em 2007, esta mata foi derrubada para criar um estacionamento.

Atualmente tanto o edifício tombado (a edificação projetada por Paulo Mendes) quanto os edifícios adjacentes estão abandonados. A área que um dia abrigou uma densa mata hoje é um espaço subutilizado. Uma área grande, bem servida de um comércio rico e variado, equipamentos e transporte público, mas que é lamentavelmente dedicada a guardar veículos





O LOCAL

Sede Banespa

Data do Projeto: 1977

Data da Construção: 1979

Área do Terreno: 835 m²

Área de Construção: 2.450 m²

Arquitetura: Ruy Ohtake



O LOCAL

Vila Cultural Cora Coralina: Inaugurado em outubro de 2013 e com projeto do arquiteto goiano Luiz Fernando Cruvinel Teixeira, a vila funciona ao lado do Teatro Goiânia, servindo de espaço de apoio ao teatro, mas também como espaço independente para exposições de arte e fotografias, workshop, exibição de vídeo, oficinas, mostras de filmes promovidas por cineclubes, lançamentos de livros, palestras, feiras de artesanato e economia criativa (como o Mercado das Coisas), fórum e festivais. A unidade foi projetada para ressaltar a imponência da arquitetura do tradicional teatro, e se insere na ação do governo estadual para revitalizar o Centro de Goiânia e resgatar a memória da capital. A Vila Cultural abriga os seguintes espaços: Sala de Exposições Principal, Sala Multimídia João Bênnio (com capacidade para 50 pessoas), Sala Antônio Poteiro, Sala Sebastião Barbosa, Sala do CAT, Hall, Varanda e a Praça Belkiss Spenziere. Todas as mostras na unidade são temporárias.





O LOCAL



O Teatro Goiânia foi inaugurado no ano de 1942, faz parte dos principais projetos de art déco de Goiânia, sendo um dos primeiros edifícios da capital.

Está localizado na Av. Anhaguera e possui capacidade para 850 pessoas, recebendo eventos culturais e artísticos.

Foi tombado pelo Estado a partir do Despacho nº 1.096/82, de 18 de novembro de 1982. A Lei nº 10.759 de 9 de maio de 1989 criava a Fundação Cultural Pedro Ludovico (antecessora da Agência Goiana de Cultura, a quem pertence o teatro). Esta mesma lei dava às unidades culturais do Estado nomes de pessoas que fazem parte da história ou que tiveram importância no meio artístico goiano. Assim, o Teatro Goiânia recebeu o nome de “Centro Cultural João Bennio”.



O LOCAL



O Grande Hotel foi inaugurado em 1937 sendo um dos três primeiros edifícios da cidade. Com 60 quartos, sendo quatro de luxo, distribuídos em três pavimentos.

Da construção original resta a estrutura da fachada, tendo o interior sido descaracterizado ao longo dos anos. Em 1991, o edifício foi tombado como Patrimônio Histórico de Goiás como um dos 20 bens que formam o patrimônio do estilo arquitetônico Arte decô em Goiânia. O Grande Hotel atualmente é sede da Divisão de Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura. Parte do prédio ainda é utilizada por funcionários do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).





«(...)os dissensos e conflitos urbanos não só são legítimos e necessários para a constituição da esfera pública e também dos espaços públicos, mas seria exatamente da permanência dessa tensão entre as diferenças não idealizadas nem pacificadas que dependeria a construção de uma cidade menos espetacular e mais lúdica e experimental.»

JAIQUES, p.14, 2013



PERFIL DO USUÁRIO

Todo aquele que pode ter acesso a rua e um provável usuário.

Como foi enunciado no início deste caderno não há interesse de que se construa um museu; a população local não possui a cultura/hábito de usufruir desses ambientes, tampouco há do Estado o interesse de estimular este costume. Contudo, a rua já está edificada e os murais já estão traçados.

Este projeto é a rua. Local de circulação, espaço que liga, integra, agrega, reúne, unifica, agrupa, alia. Habitat de todos. Esse projeto será, portanto, arquitetado para todos aqueles que consigam chegar à Rua 3 do Setor Central de Goiânia.

Para isso será traçado o perfil da população goianiense para compreender quem é/será o usuário. Faixas etárias, renda, escolaridade etc.

Tendo em vista de que a rua em questão - assim como as demais de seu entorno - foram projetadas na década de 1930, por homens jovens, pouco foi levado em consideração as visões e percepções dos mais velhos, das crianças e das mulheres. As dificuldades de circulação geradas pelo traçado urbano, assim como a falta de manutenção, cuidados da via pública são questões que afastam os públicos anteriormente citados. Portanto, há nesse caderno um esboço de como atender esses perfis de usuários.

Além destes, um importante desfrutador do local são as pessoas em situação de rua. Estas já possuem o hábito de percorrer e permanecer na Rua 3 após o horário comercial. Esse projeto deverá promover um conforto, a esta população que já usufrui o sítio em questão.



PERFIL DO USUÁRIO



Estamos em Goiânia.

Goiânia sofreu um acelerado crescimento populacional desde a década de 1960 e atingiu um milhão de habitantes em 1996.

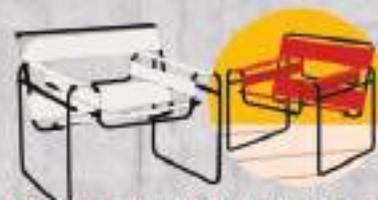
De acordo com as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população em 1 de julho de 2021 era de 1 555 626.

Em 2016, a Região Metropolitana de Goiânia possuía 2 458 504 habitantes

É a segunda cidade mais populosa do Centro-Oeste, sendo superada apenas por Brasília.

Salário médio mensal dos trabalhadores formais
3,4 salários mínimos

Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade
96,4%



PERFIL DO USUÁRIO

Sempre é importante lembrar e ressaltar que cada pessoa interpreta e ocupa o espaço da sua maneira.

Grupos sociais são formados por pessoas que vivem/viveram situações semelhantes, portanto tentar entender os espaços a partir das vivências comuns e para esses grupos é uma solução quando se projeta para um grande número de pessoas.

As crianças tem sua altura e suas curiosidades, os idosos suas carências, as mulheres suas necessidades para se estabelecer em ambientes públicos que muitas vezes se mostram inóspitos, assim como a população Queer, em grau diferente. Projetar um ambiente que todos se identifiquem é impossível, projetar um local que todos se sintam seguros e amparados é mais que necessário, é imprescindível.

Todos os perfis possuem necessidades básicas comuns: a segurança, a comodidade térmica e o conforto para se locomover (mesmo que alguns precisem mais que outros, há a necessidade partilhada).





“Prover a cidade de espaços para os coletivos mais vulneráveis, como podem ser as crianças ou os idosos, é uma necessidade para conseguir a equidade ao direito à cidade.”

-Josep Maria Montaner e Marina Simone Dias



PERFIL DO USUÁRIO

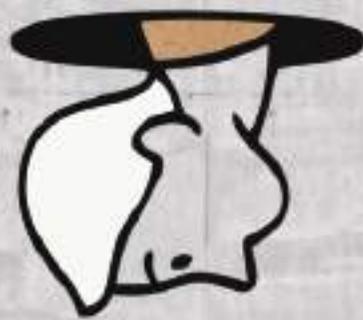
É notório que uma vida social é melhor estruturada e harmoniosa quando diversas faixas etárias convivem e se interrelacionam em equilíbrio, aprendendo umas com as outras, em cada uma as pessoas têm algo para oferecer e receber da comunidade.

Para os idosos lugares tranquilos para passeios, encontros, ou apenas a permanência, com sombra, mobiliários para descanso, piso não trepidante e elementos que potencializem sua motricidade são fundamentais.

Parques são ambientes ideais, promovem o encontro de públicos distintos, ao mesmo tempo que o encontro com a natureza pode promover, não apenas o conforto térmico, como também comodidade, bem estar. Esses elementos dos parques podem e devem ser distribuídos pela cidade, calçadas mais largas deveriam estar equipadas com bancos, para promover a permanência e encontros, o descanso de quem está caminhando ocioso, ou voltando de um supermercado com sacolas de compras por exemplo, assim como canteiros para proporcionar esse encontro com a natureza.

Espaços que favorecem os exercícios de pernas, braços e coluna, logo, a mobilidade, a coordenação motora e visual, a força e o equilíbrio são fundamentais.





**“ Senhor prefeito,
não queremos
escorregadores
nem balanços,
queremos a cidade”.**



PERFIL DO USUÁRIO

A maneira em que a cidade é projetada define o grau de autonomia das pessoas mais vulneráveis. Os espaços públicos se divergem em necessidades e usos, logo, um espaço para crianças deve levar em consideração como elas ocupam, experimentam e a segurança que o ambiente pode proporcionar.

A rua, a praça e a escola são os lugares de sociabilidade para as crianças, onde desenvolvem sua autonomia e aprendem a superar medos e dificuldades. Estes espaços, portanto, devem considerar a forma que as crianças são vistas, enxergam o mundo e compreender que experimentar o ambiente é parte do crescimento.

Espaços lúdicos, abertos, que potencie e estimule os sentidos e a diversidade de experiências, ao mesmo tempo proporcionem segurança e visibilidade, para que os tutores acompanhem -mesmo que de longe- as crianças, são fundamentais para o desenvolvimento de sua autonomia.

É importante ressaltar que um ambiente para as crianças não é uma benesse, mas sim um direito. As crianças tem o direito de possuir uma cidade que dê espaço para que possam crescer com segurança, em sociedade e liberdade.





«A invisibilização de mulheres dentro do planejamento também ocultou características comuns em seus movimentos – que são resultado da divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres.»

-Josep Maria Montaner e Marina Simone Dias



PERFIL DO USUÁRIO

Para pensar a cidade para as mulheres é preciso compreender que até pouco tempo as decisões tomadas para decidir as políticas urbanas e os espaços públicos foram feitas somente por homens. Pensar o espaço público a partir da perspectiva de gênero significa incorporar ao projeto urbano as experiências das mulheres na cidade, as experiências urbanas mostram-se diferentes não apenas nos tipos de deslocamentos realizados por homens e mulheres, mas também dentro do próprio grupo de mulheres, entre as quais as restrições se desdobram em diferentes graus.

Como foi dito anteriormente, as pessoas que passam por tais experiências não projetaram a cidade, logo, geralmente a maneira que a mulher vive e ocupa o espaço não foi considerada.

Para projetar os espaços públicos não genéricos, é necessário recorrer à metodologias diferentes das utilizadas tradicionalmente. Processos de participação que permitam conhecer outras formas de ocupação, observação do local (ajuda a relacionar usos com usuárias e usuários) e estatísticas segregadas por sexo (permitem construir um registro mais aproximado da realidade) são necessários.





«... é o que eu acho, que eu faço parte de outra sociedade. Você faz parte de uma, eu faço parte de outra. Porque agora você vai sair daqui, você vai deitar no seu colchãozinho. Não vai? Não vai tomar o seu banhinho? Eu não vou poder. Se eu quiser, eu vou ter que ir lá no BG: “chuuu!” Água gelada. Certo? [...] Você vive, eu vegeto. Eu estou tentando e é o que acontece com todo mundo, você tenta se manter vivo. [...] Agora, já, já você vai sair daqui, não vai? Eu vou deitar ali. Eu faço parte da cidadania? Não, eu sou um número a mais. Eu sou um zero à esquerda. Porque eu acho que nem no IBGE eu estou passando. Então, é triste. É a realidade, mas é triste. Entendeu? Nem no IBGE.»

O LUTADOR, 2005

PERFIL DO USUÁRIO

“Pessoas que vivem nas ruas, ocupando – com seus corpos e objetos – calçadas, praças, baixios de viadutos e pontes, interstícios urbanos, são frequentemente consideradas como indesejáveis, fora do lugar, poluidores do espaço urbano. Circulam pela cidade, por serviços de atendimento, abrigos diurnos e noturnos, locais de distribuição de roupas e alimentos. Sua presença incomoda e perturba a ordem espacial, as normas de ocupação, circulação e permanência nos espaços da cidade.”
-Cristina Filgueiras

Para tratar das pessoas em situação de rua é necessário compreender que muitas decisões públicas em relação a este tema estão relacionadas à proteção da população comum e a estética urbana, trazendo à tona o argumento preconceituoso de que o morador de rua é violento, quando aquele que mora na rua é, na verdade, o mais vulnerável. As medidas públicas para sua defesa são por vezes débeis e vulneráveis de governo para governo. Eles enfrentam cotidianamente insegurança e riscos de violência. As ameaças durante a noite fazem com que muitos prefiram dormir de dia - “...você nem pode dormir de noite. Porque tem gente que faz 'traíragem'. Tacam fogo, dão paulada, pedrada. A gente tem que ficar mais acordado de noite e dormir de dia” (citação retirada do artigo Morar na rua: realidade urbana e problema público no Brasil; FILGUEIRAS. C)”. As pessoas em situação de rua portanto



“Os moradores de rua representam um desafio para a manutenção da ordem social urbana na medida em que não se integram a esta ordem e tampouco afastam-se dela. Eles traçam linhas de fuga em relação à estrutura social.”

-Mariana Mendes

“ Pessoas que vivem com seus corpos nas ruas, ocupando praças, baixos interstícios urbanos consideradas lugares, poluídos. Circulam pelos serviços de atendimento locais de alimentos e roupas e

as ruas, ocupando objetos - calcadas, viadutos e pontes, frequentemente ágeis, fora do espaço urbano. serviços de e noturnos, roupas e



“Os moradores de rua representam um desafio para a manutenção da ordem social urbana na medida em que não se integram a esta ordem e tampouco afastam-se dela. Eles traçam linhas de fuga em relação à estrutura social.”

-Mariana Mendes

“[...] A fronteira não é aquilo em que uma coisa termina, mas, como já sabiam os gregos, a fronteira é aquilo de onde algo começa a se fazer presente [...]” (HEIDEGGER, 1957, p. 154 APUD NOBERG-SHLUZ, 1976p. 450).

Para quem habita a rua, o dentro e o fora não se divergem de forma rigorosa, são interpretações diversas do mesmo espaço. São as adaptações de elementos do espaço desconhecido que o transformam em único, que o transformam em lar.



“Locais e usuários que não se enquadram em conceitos estabelecidos de gênero, que transcendem e transgridem, formando territórios de “abjeção” e resistência. Os espaços que resistem neste meio noturno urbano são aqueles que se colocam como alheios ao capital e a heteronormatividade – sendo que o próprio corpo pode ser um destes espaços (PILE, 1997, p. 1-32).”

-Áureo Silva



PERFIL DO USUÁRIO



Para tratar da comunidade queer é importante compreender o conceito de territorialidade.

Para este trabalho será considerada como algo que ultrapassa qualidades físicas, será compreendido, portanto a percepção do espaço físico-social. As dimensões políticas e relações de poder, não se restringem ao Estado, são formadas por grupos sociais que compõem os territórios à partir de conflitos ou identificações culturais.

É importante entender dois pontos para tratar deste usuário. O primeiro é o fato de que a população queer não é socialmente aceita, as oportunidades ofertadas são escassas e como consequência 90% encontra na prostituição a sua renda. O segundo é lógica urbana predominate, que privilegia a organização e homogeneização de práticas, principalmente as comerciais, o que infere na naturalização dos «gêneros heteronormativos, consequentemente criando territórios de abjeção urbanas» (SILVA, Áureo).

A territorialidade LGBT, portanto, possui maior força no período noturno pois surge no vácuo do horário comercial que leva à um esvaziamento do público normativo.

EQUIPAMENTO CULTURAL

O equipamento cultural que será projetado é um espaço público.

Um espaço público é compreendido não só como um bem do Estado, mas principalmente como um bem da população e um direito como local de troca e convívio coletivo, determina fortemente nossa conduta como cidadãos.

A cultura, segundo Edward B. Tylor (antropólogo britânico) é: "todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade".

Um equipamento cultural exerce um importante papel artístico-cultural, social e econômico. Os equipamentos culturais oferecem o espaço para que a cultura artística/artesanal seja exaltada.

Esses equipamentos se relacionam com a ideia de comunicação pública, onde a cultura pública ganha visibilidade e se desenvolve, é debatida e reproduzida.



INTERVENÇÃO URBANA

Requalificação

A requalificação urbana é um instrumento para aprimorar, restabelecer, as condições de vida das populações. Ocorre ao promover a construção e recuperação de equipamentos e infra-estruturas e o enaltecimento do espaço público, proporcionando medidas de dinamização social e econômica. Procura a (re)introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade ou centralidade a uma determinada área.

A requalificação urbana tem um carácter mobilizador, cultural, paisagístico e social. Apesar deste tipo de intervenção tradicionalmente promover a valorização econômica da área, por vezes propositadamente, não é o intuito deste trabalho gentrificar o centro de Goiânia, logo, este conceito deve ser tratado com crítica e cuidado.

QUE A CIDADE REFLETE PARA VOCE
ONE V CIDUDE REFLETE PARA VOCE



INDIVIDUAL

**reabilitar o plano
horizontal a partir da
intervenção artística no
plano vertical**



ESTUDO DE CASO

Arquitetos: OOHIO

Área: 2100 m²

Ano: 2015

TALAVERA DE LA REINA, ESPANHA

«Esta proposta nasce de uma análise rigorosa das necessidades do espaço público de Talavera, de um estudo das circulações, do sol, da topografia e dos usos pré-existentes. Partindo do fato de que antes da nossa intervenção, a praça era um espaço urbano residual, nada acessível a pessoas idosas ou com mobilidade reduzida e utilizado como estacionamento informal.

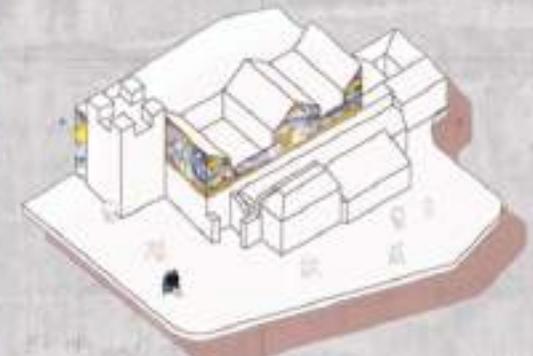
Com intervenções simples podemos transformar este espaço degradado numa das praças mais atraentes da cidade.»

REABILITAÇÃO DA PLAZA DE SAN MIGUEL

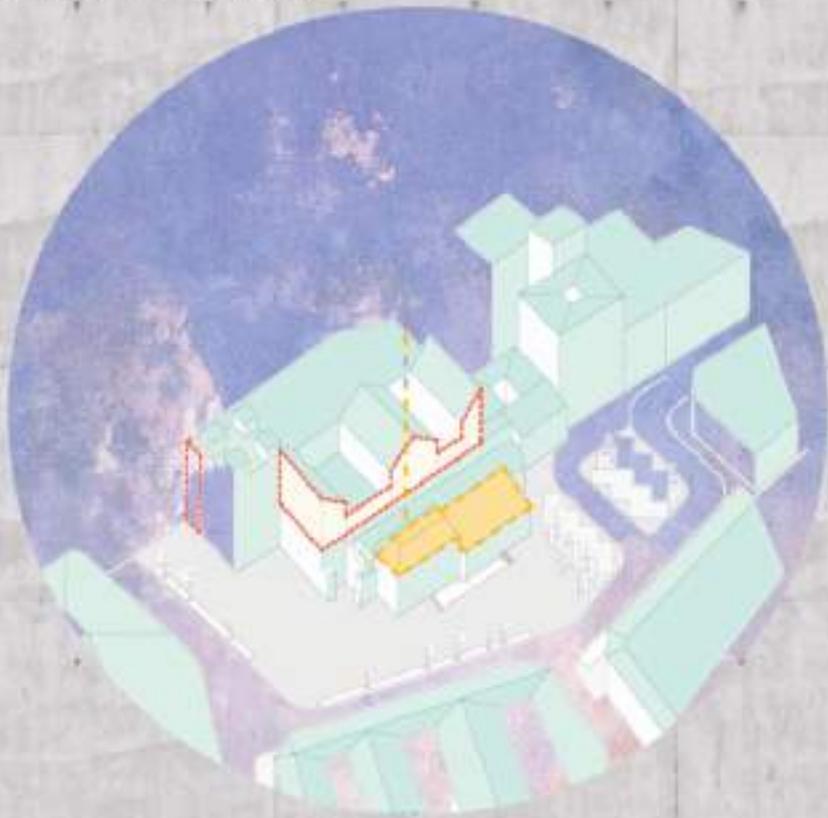
É uma proposta de intervenção urbana que tem como principal objetivo a revitalização de espaços públicos degradados. Um espaço simples e aberto para todos os vizinhos foi criado. A ideia foi elaborar um espaço que pudesse se tornar um novo símbolo para a cidade, graças ao uso contemporâneo e fresco de um material tradicional e artesanal; a olaria Talavera - um símbolo da cultura local.



ESTUDO DE CASO



O objetivo era reabilitar o plano horizontal da praça, e a solução foi concentrar grande parte da intervenção no plano vertical, já que há grandes paredes mediadoras dos edifícios altos que dão as costas à praça. O grupo de arquitetos compreendeu que um dos grandes motivos que fazia o espaço em questão ser enxergado como «um fundo», um lugar secundário, desinteressante e nada atraente era a organização dos edifícios vizinhos. Com intervenções simples puderam transformar este espaço degradado numa das praças mais atraentes da cidade.



O plano horizontal foi reformado para se estabelecer o mais acessível e confortável possível para os pedestres.

O tráfego local foi organizado e limitado para ocorrer em uma faixa definida, protegendo assim o espaço aberto para os pedestres.

Bancos corridos, foram planejados e localizados especificamente para poder contemplar o grande mural de cerâmica de Talaverana que retrata a cultura local, coloca em prática o conceito de regionalismo crítico de Kenneth Frampton, e muda totalmente a aparência da praça, transformando-a em um dos espaços mais enaltecidos da cidade. Uma intervenção de carácter mais artístico que arquitetônico, que ao não ignorar o conforto do pedestre e a cultura local restabelece um espaço.

A intervenção no plano vertical contribui para a reabilitação e valorização da torre da antiga muralha, que agora se perde entre edifícios que competem com ela em altura, para finalmente se destacar e se tornar junto ao mural de cerâmica em um monumento digno de ser contemplado.

**A quebra entre o espaço
público e o privado**



MUBE

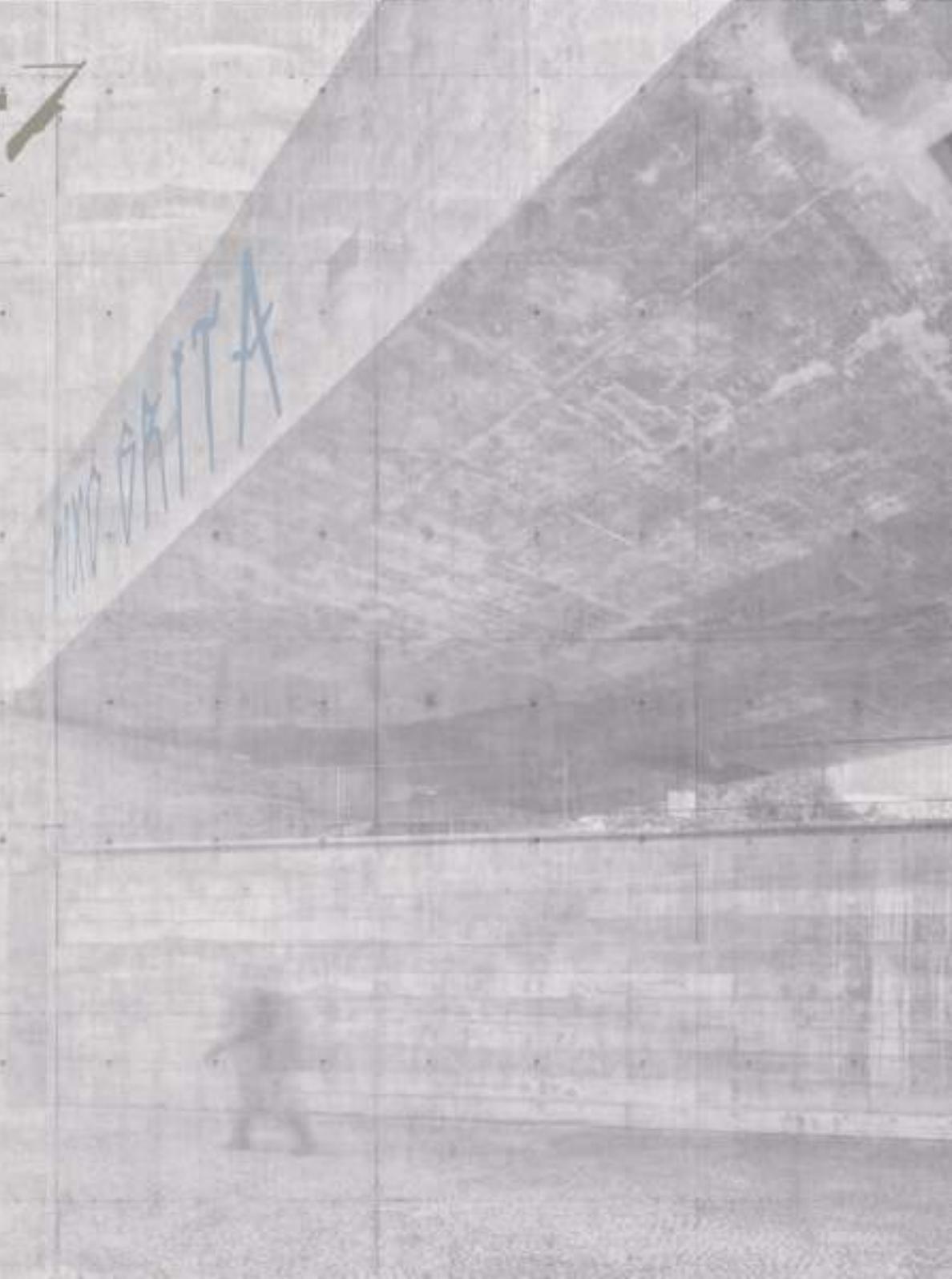


Projetado por Paulo Mendes da Rocha
Concluído em 1995
Localizado no bairro Jardim Europa em São Paulo
Área do terreno: 7 mil m²

Jardins elaborados por Burle Marx
Volume semi-enterrado

O MUBE ocupa uma área de 7.000 metros quadrados no Jardim Europa, bairro nobre da capital paulista, caracterizado por residências em grandes lotes arborizados. O museu está localizado em uma área triangular formada pela confluência de uma das principais vias do bairro, a Avenida Europa, com a Rua Alemanha. Uma grande viga perpendicular à via principal e um vão livre de 60 metros tornam o museu referência inconfundível na paisagem do bairro. O prédio foi erguido em concreto aparente, com áreas expositivas abrigadas abaixo do nível da rua, tornando o silêncio parte do ambiente interno.

Com um volume semi-enterrado e com Jardins elaborados por Burle Marx, este edifício surgiu a partir da resolução de uma problemática, uma vez que a área que hoje pertence ao museu daria lugar a construção de um novo shopping center, acarretando na mobilização dos moradores que objetiveram impedir a construção. O terreno, então cedido pela prefeitura em regime de comodato à Sociedade dos Amigos do Jardim Europa (SAJEP) e a Sociedade de Amigos dos Museus (SAM) para o planejamento de um equipamento cultural aberto à comunidade, deu origem a idealização de concurso fechado para o projeto do novo museu, tendo a proposta de Mendes da Rocha como vencedora.



ESTUDO DE CASO

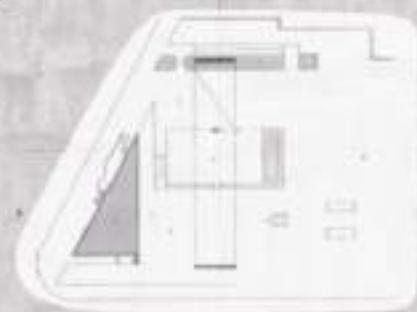
O MuBE não emerge do espaço como uma caixa fechada, suas fachadas se desdobram em múltiplos planos, onde não há elevação principal, lateral, frontal. Ele é formado por uma elaborada sucessão e interrupção de superfícies, estabelecendo uma relação com as duas vias públicas adjacentes, semelhante a um passeio ou um singelo parque-jardim. Os dois pavimentos do museu formam duas praças, uma alta e outra baixa.

Na cota mais baixa do terreno, a praça de entrada é revestida com mosaico branco, contrapondo com a gravidade da massa de concreto que desce verticalmente sobre ela. Na cota mais alta há um espelho d'água no ângulo extremo do lote, recortando o piso da praça superior. As dependências semi-enterradas contêm grandes salões para exposições, mantendo a continuidade exterior-interior, mediante rampas, escadas e aberturas zenitais e laterais que oferecem luz natural ao interior da construção. Na parte externa, o paisagismo de Burle Marx também serve de pano de fundo para as exposições e atividades ao ar livre.

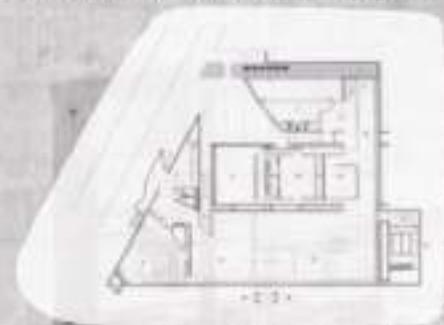
Um edifício destinado à exibição de obras de escultura caracterizado por uma imensa laje de concreto protendido que cobre menos de um quinto da sua área

É completamente fechado em níveis enterrados e semi-enterrados

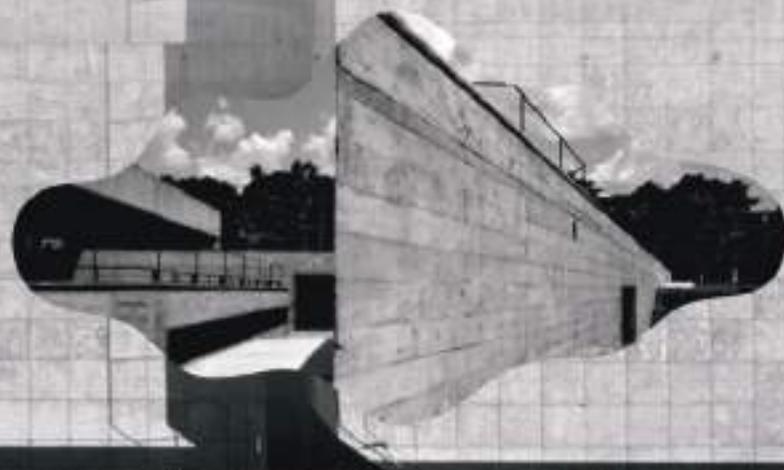
O que é o espaço público?



PLANTA NÍVEL SUPERIOR

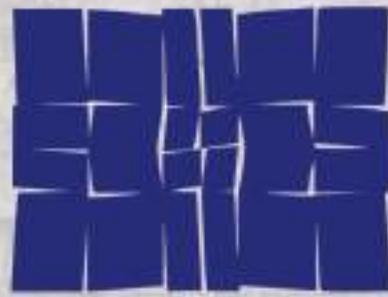


PLANTA NÍVEL INFERIOR



«(...) o caminhar tem produzido arquitetura e paisagem, e que essa prática, quase inteiramente esquecida pelos próprios arquitetos, tem sido reabilitada pelos poetas, pelos filósofos e pelos artistas capazes precisamente de ver aquilo que não há, para fazer brotar daí algo.»
Gilles A. Tiberghien





**Arquitetura - Parangolé - uma visão
ambiental da cidade em um esforço
por fazer por fazer aderir corpo e
cidade, ação e preexistência, saber
p o p u l a r e t é c n i c a .**





[...] a “totalidade ambiental” opera como um “sistema ambiental”, cujo pólo é o participante. Na “vivência-total Parangolé” desenvolve-se um espaço intercorporal, criado pelo desdobramento da estrutura-Parangolé, executada pelo participante e pelos elementos da situação. A participação atualizada, como “vivência mágica”, algumas das relações possíveis no espaço em que se desenvolvem as ações: é uma “participação ambiental”.

(OITICICA, 1986, p. 67)

O espaço e a arte Neoconcreta - assim como os Metaesquemas e os Bilaterais de Oiticica, a rua é mutável e flexível, passível de ressignificações e de aproximações subjetivas e pessoais.

«(...) a cidade não como elemento estático e rígido, mas como uma reunião de corpos vibráteis sugere a possibilidade de reinventar a figura do planejador urbano como um agente que se articula de forma mais horizontal, como um artista neoconcreto, aproximando-se dos sujeitos, abrindo-se a experiências e potencializando-as no espaço público.»

(RAMOS; SANTOS, 2019, p. 5)



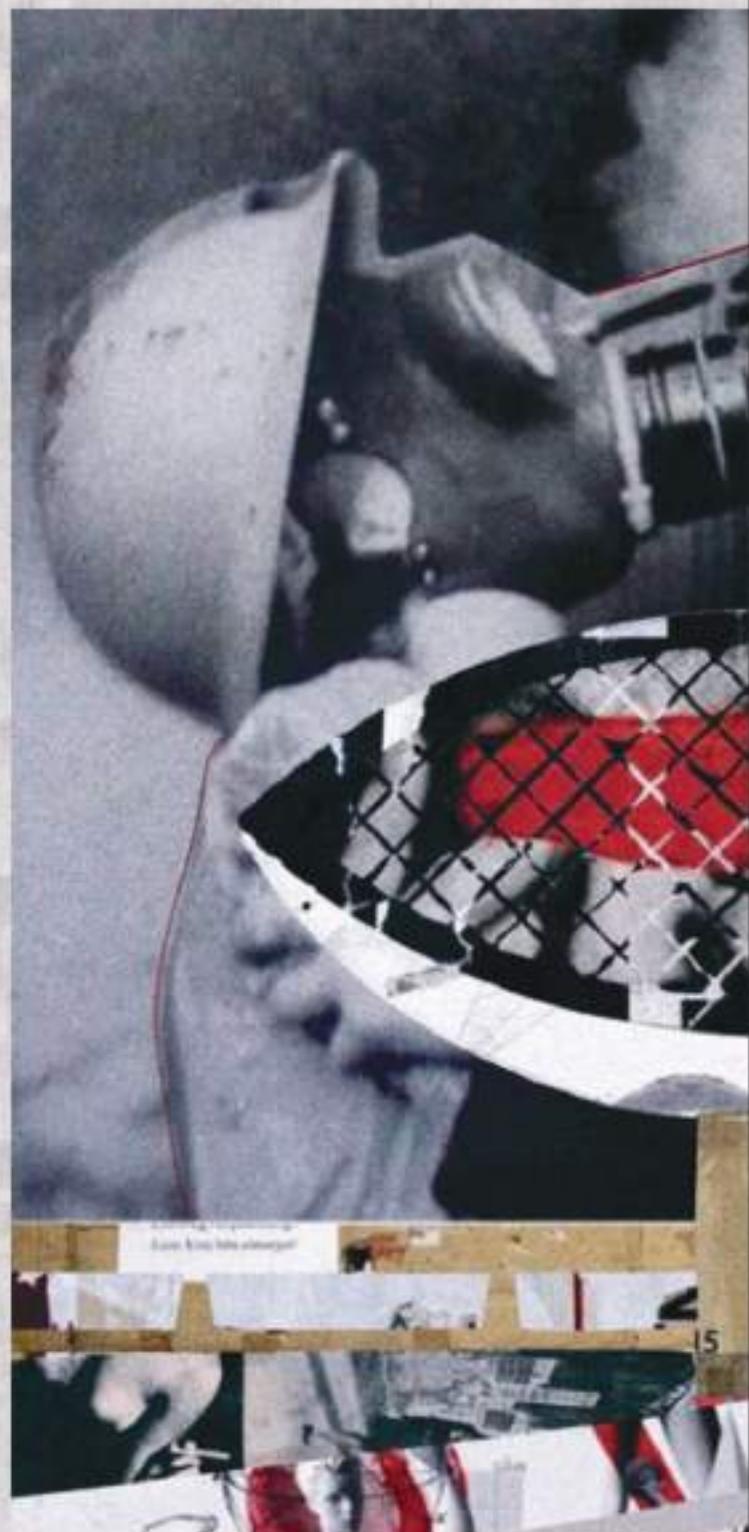
CIRCUITO CULTURAL

«Como é possível relacionar o mundo da obra de arte ao mundo da obra de arquitetura? Se pensamos a arquitetura em princípio como uma coisa entre coisas, que compõe um meio-ambiente sereno à experiência humana e a obra de arte como uma coisa que se destaca entre coisas por mostrar ao homem “a verdade como desvelamento, produção do sentido, experiência do mundo da obra que se intromete e faz vacilar o mundo daquele que se envolve com ela” (14), a relação entre os dois espaços nos parece claramente complementar.»

-Danilo Matoso Macedo

A arquitetura serve para orquestrar o espaço. Disciplina fechamentos e estruturas, sombras, texturas, mas não se vive em paredes, pilares, vigas e lajes. A vida ocorre no vão. A arte não serve para nada. A arte é tudo, é liberta de qualquer serventia, expressa tudo que a vida pode querer. Não por acaso o museu mais reconhecido deste país é um grande vão. Arquitetado para tudo com muito pouco. Dois pórticos. Um espaço no térreo se difere da rua pela pavimentação trepidante e pelos elementos vermelhos. O MASP é um museu, a Paulista circuito cultural.

Eventos aos pés desse edifício deixaram marcas na história do Brasil e cicatrizes na sua cultura. Manifestações de gosto fascista, exclamações anti-rascistas, gritos conservadores, o êxtase da Parada Gay tudo em um vão. Violões, desenhos, senhores com caixa de isopor vendendo cerveja, ONGs procurando ajuda, pessoas em situação de rua, feiras de artesanato, indivíduos aloprados com a bolsa de valores, um Conjunto que em seu nome já se mostra Nacional, prédios nitidamente brasileiros e um shopping center, edifícios e edifícios icônicos para este país, tudo isso no Exímio Vão: na Avenida Paulista.





CIRCUITO CULTURAL

Um Circuito se difere de um Centro pela sua abrangência, não apenas em quantidade de tipos de edifícios culturais, o eixo-caminhar, forma vigorosa - por vezes cartesiana e destemida que orienta seu uso; como também na sua capacidade comunicativa e receptiva com seus usuários. O Museu Oscar Niemeyer é extremamente comunicativo, se destaca, se impõem mas afasta. Não há demérito no afastamento causado pelo espelho d'água; o intuito do museu havia sido delineado, a maneira que a arquitetura iria dialogar também. Intuitos geram soluções, imposições e conexões. Neste caso a imposição era menos flexível que a conexão.

Em um Circuito Cultural Urbano, todavia, a conexão deve ser o ponto principal. O espaço para o dialogo, seu eixo. O vão a sua estrutura. A expressão dos mais diversos usuários há de ser acolhida. É importante tentar compreender quem são essas pessoas, o que a cultura delas revela e o que pode vir a ser o espaço para acolher e tentar (em um delírio) prever o futuro.

Os homens como eles são e serão como podem ser. Compreender as necessidades de abrigos é importante, entender a multiplicidade da obra de arte é fundamental. Segundo C. A. Leite Brandão um fazer artístico deve «(...) ater-se aos princípios de unidade tempo, ação e lugar que a capacita a condensar as ações e concentrar a vida de modo a que ela, afastando-se da dispersão do contingente, revele um sentido e promova a catarsis e o auto-reconhecimento do espectador. E, assim fazendo, ela se vê conferida de sentido e oferece um conhecimento da verdade que antes se ocultava. Tal experiência da verdade é o que muda o espectador e, portanto, é um outro tipo de verdade que se anuncia na obra de arte (...)».

A vida dos outros deve estar sempre presente naquele que manifesta expressões ou imposições. Um quadro ou uma empena cega impõem à quem os vêem sensações distintas, mas podem estar presentes um no outro. O quadro na empena, a empena pintada no quadro, a arquitetura e a arte são unidas por aqueles que as utilizam.

«O mundo das artes e o mundo da arquitetura se interpretam, se inter-penetram, portanto nesta relação dialética de análise/síntese, o que nos permite reescrever a assertiva original, pois tanto a arquitetura constitui um espaço sintético para as artes plásticas quanto temos as artes plásticas: espaço analítico para a arquitetura.»

-Danilo Matoso Macedo

É a ordenação econômica e social que determina o olhar ao lugar ocupado. “No capitalismo, a questão urbana está ainda associada à economia que transformou a cidade em commodity no novo ciclo de acumulação urbana, aprofundando a mercantilização das cidades” (HARVEY, 1996 e 2014, apud FILGUEIRAS, 2019, p.980).

O ciclo de exploração imobiliária determina onde a permanência das pessoas em situação de rua e de outros corpos negados incomoda mais, logo onde as ações para a retirada desta população devem acontecer.

É fundamental para uma democracia compreender e se atentar as necessidades de toda a população. Entender a maneira que, por exemplo, as pessoas em situação de rua se comportam e que ocupam o espaço, assim como compreender como o mercado imobiliário, o comportamento do Estado e como os demais civis consentem em relação a essa estética de apropriação é indispensável para projetar em espaços todos tendem a permanecer.

Perceber esse espaço como lar e as poucas posses das pessoas em situação de rua como parte de direito à suas memórias é importante para projetar uma cidade de fato democrática, uma cidade que trate todos os seus cidadãos como pessoas que tem demandas e problemas e não apenas como mazelas.

É indispensável ressaltar que o espaço se altera a partir da presença. É a identificação gerada quando o sujeito intervém no espaço que pode o transformar em Lugar. Uma intervenção de pequeno porte transforma um espaço genérico em algo singular. O ato de ocupar proporciona aos moradores de rua e naqueles que apenas passam pelo local alterado novas perspectivas acerca do espaço público e a maneira que o conceito de Lugar se altera. A existência de um colchão, uma mala, uma coberta, ou de uma garrafa de pinga, resto de comida e até mesmo a existência de um odor específico são suficientes para causar o afeto e a repulsa, para determinar um Lugar.

« A política urbana tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, mediante as seguintes diretrizes gerais:

I - garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações;

II - gestão democrática por meio da participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade na formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano;

(...)

VI - ordenação e controle do uso do solo, de forma a evitar:

a) a utilização inadequada dos imóveis urbanos;

• Estatuto da cidade

CIRCUITO CULTURAL RUA 3

A rua 3 e seu entorno serão um complexo cultural.

Será denominada como complexo pois além de unificar os equipamentos culturais já existentes, a rua, as paredes dos edifícios e as pessoas serão um só: a exposição -que nunca irá se repetir.

A rua 3 será um espaço espelho das pessoas.

Os projetos de arquitetura, paisagismo e as diretrizes urbanísticas servirão para orquestrar o espaço. A arte para desordenar, dar vida, liberdade e sentimento. O arquitetado e o significativo artístico deverão se complementar. A proposta projetiva deste trabalho de conclusão de curso é propor elementos -mobiiliários, canteiros, texturas, reformas e quiçá um edifício- que sejam flexíveis e que aceitem e permitam expressões diferentes, sem ignorar as danças do cotidiano.

Locais que já possuem algum traço de expressão artística nas proximidades da rua 3 serão incorporados no complexo.



Mobiliários deverão ser propostos para promover o descanso pós almoço daqueles que trabalham ao redor, a permanência dos transeuntes, o conforto para quem possui dificuldade locomotora.

Estarão presentes murais, estátuas, espaços para apresentações, debates e protestos, carrinhos de churros, bancas com pequi, um equipamento cultural se torna um complexo ao conseguir acolher tudo o que faz parte da cultura. Esse é o projeto.



PROPOSTA



ENTRADA MARCO 

~~MUSEU QUE NÃO SERÁ CONSTRUÍDO~~

1 MUSEU DA ESCULTURA

2 PRAÇA DE MANIFESTO E PONTO DE APOIO

 ELEMENTOS EXISTENTES
DE RELEVÂNCIA CULTURAL
E DE CONEXÃO



AVENIDA GOIÁS

RUA 06

RUA 08

RUA 09

RUA 09

AVENIDA TOCANTINS

RUA 29

RUA 31

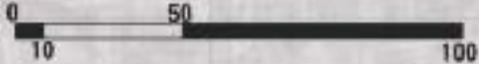
RUA 21

ALAMEDA DOS GOSWITTS

RUA 3

RUA 23

RUA 11







**ENTRADA MARCO
O PAVILHÃO**



ENTRADA MARCO
O PAVILHÃO

PONTO DE CONVERGÊNCIA
ENTRE A ALAMEDA DOS
BURITIS E A RUA 3



Caixa
Econômica
Federal

Praca do
Joquei Clube

RUA 3

Centro Salesiano
do Aprendiz



ENTRADA MARCO O PAVILHÃO

ALAMEDA DOS BURITIS

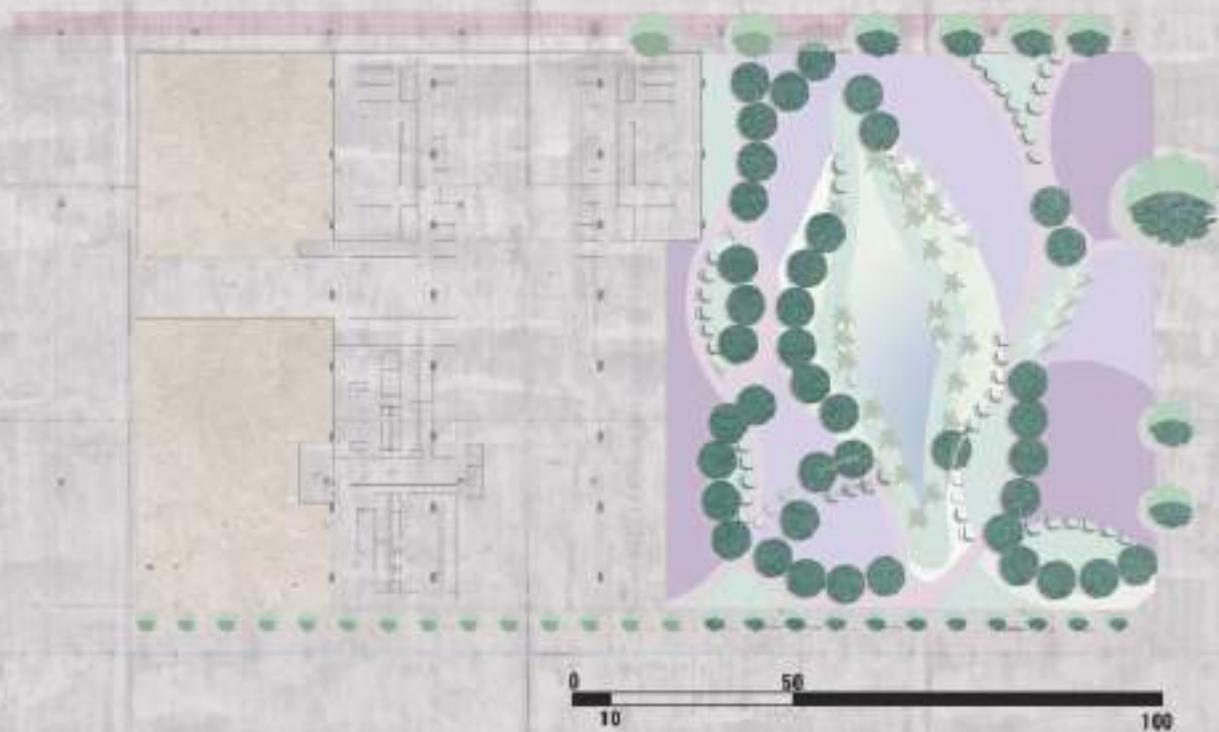


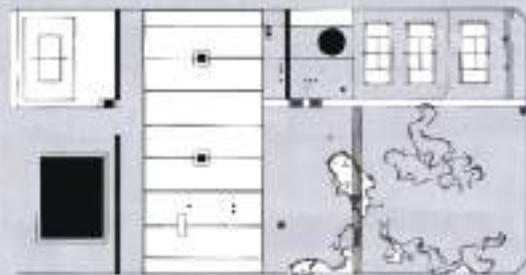
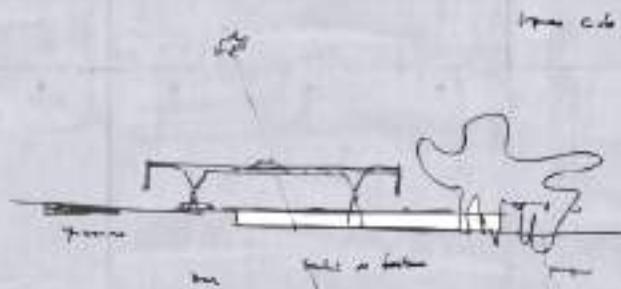
«o sucesso da restauração não deve ser visto como uma meta única, do tipo tudo-ou-nada, mas como um processo adaptativo, onde conquistas iterativas ao longo de uma trajetória pré-definida proporcionam meios para alcançar objetivos ecológicos e sociais mais amplos.»
(PALMER apud. COSTA, 2011 p. 94)



PROPOSTA

REVIVER O CÓRREGO
DOS BURITIS
TRANSFORMAR O
JOQUEI EM UM CCBB
RESTAURAR E
VALORIZAR
O QUE TEM VALOR
ARQUITETÓNICO
E AMBIENTAL







RE-NATURALIZAÇÃO DO CÔNREGO DOS BURRIS

PROPOSTA

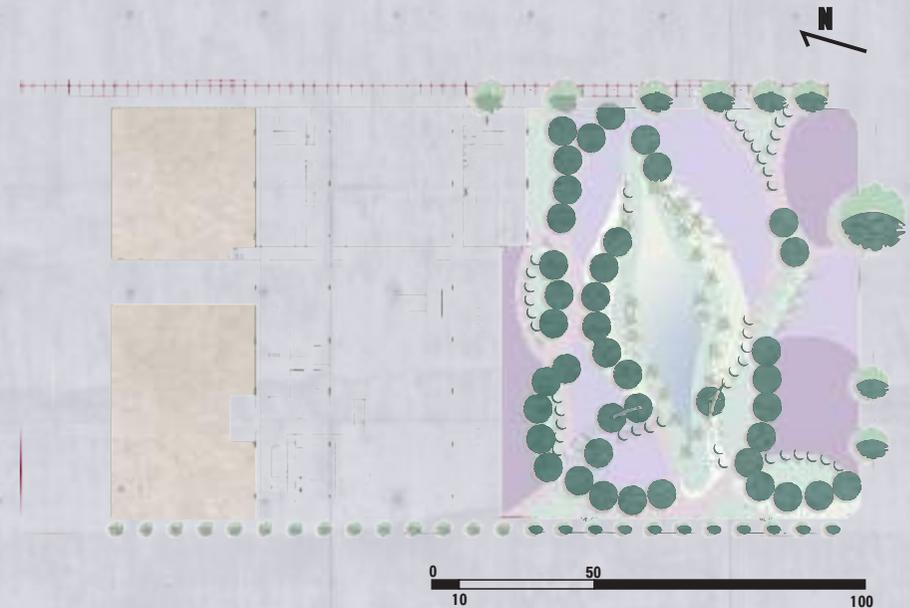
A conscientização ambiental dos cidadãos e dos governos tem sido muito discutida dentro e fora dos centros de ensinos, e algumas práticas já vêm sendo adotados com o intuito de diminuir o impacto ambiental causado pelo homem.

Como pôde ser visto ao longo deste artigo a canalização de leitos possui diversos malefícios. Estes vão desde o interrompimento da evapotranspiração, a perda do que poderia ser um ponto de lazer e conforto para cidade.

Assim, como deve acontecer todo projeto de revitalização de um leito, a proposta para renaturalizar o trecho do Córrego dos Buritis na quadra 68 do Setor Central deve fornecer elemento positivos à população. Entre eles: benefícios econômicos, estética agradável e a possibilidade de que este espaço intervindo seja um ponto de lazer e educação.

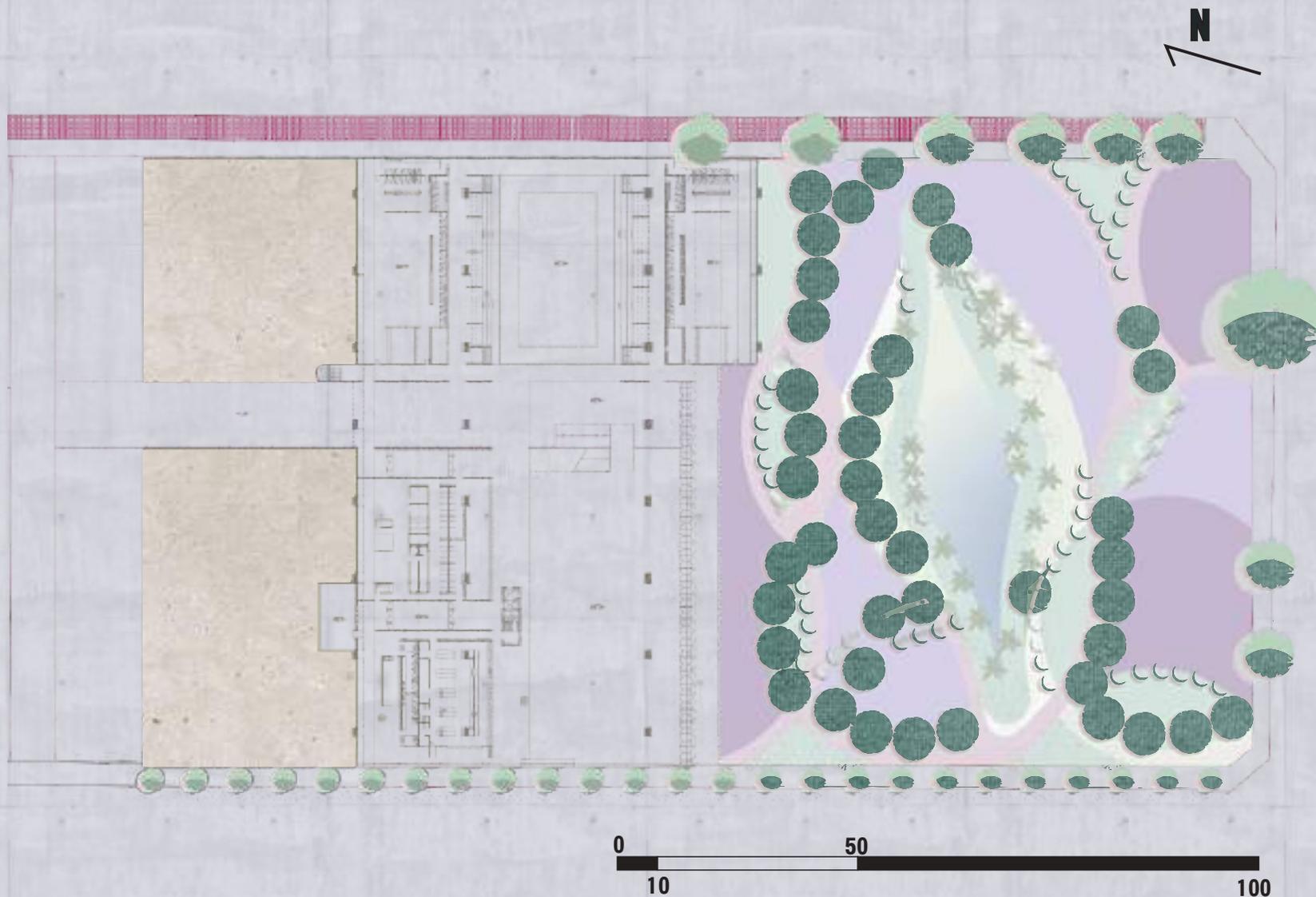
Além destes pontos, é importante, evidentemente, que o projeto a ser implantado seja coerente ecologicamente. É necessário que não ocorra dano permanente da obra e que seja autossustentável.

Para a intervenção na quadra do Jóquei Clube de Goiânia, foi idealizado que os edifícios não tombados (atualmente expressivamente degradados), sejam demolidos. No espaço que estes ocupam atualmente, é proposto que parte seja gramada, auxiliando na permeabilidade e conforto térmico do sítio, e parte seja determinada para exposições, para passeio e permanência dos usuários. Este elemento decisivo do projeto deve perpetuar ao longo da área onde atualmente existe um estacionamento.



Esse projeto paisagístico consiste, em suma, em retomar a proposta de Paulo Mendes da Rocha, de cuidado com a natureza que existia ao lado do Jóquei até 2007. Além destes pontos, é claro, deverá ocorrer um processo de renaturalização -que também funcionará com ponto de recarga- do Córrego dos Buritis.

Esta porção da quadra, que possui aproximadamente 1000 m², abrigará esta parcela renaturalizada, logo não enclausurada, do Córrego. Esta valeta que se encontrará em coerência ecológica; foi determinada de acordo com a topografia do local. Em suas margens imediatas haverá partes gramadas, que receberão palmeiras e arvores típicas do cerrado, como por exemplo o Buriti, palmeira que transpira de forma significativa, o que auxilia na umidade do local.



Na planta acima apresentada é possível identificar uma escala de cores. Em roxo e em rosa estão as áreas impermeáveis, que permanecem dessa forma pelo do possível uso para exposições/pequenas feiras e pela necessidade do fluxo dos usuários, respectivamente. Em lilás, estão as áreas parcialmente permeáveis que serão revestidas com concregrama. Em verde estarão as áreas permeáveis, serão nessas que vegetações típicas da região serão implantadas. Por último o mais importante: a região em hachura gradiente, onde o córrego estará aberto.

No córrego será utilizado técnicas de bioengenharia para contenção. Pela qualidade estética e pela eficiência que provem, as encostas serão taludes, o que além de fazer contenção evitando a erosão das margens possibilita que ocorra uma rica proposta paisagística o que fornece qualidade estética para a cidade.



**RUA
DE PEDESTRES
RUA
COMPARTILHADA**



**comércio de apoio
ao novo uso**

**bolsão de estacionamento:
espaço de exposição de estatuas
muro do jóquei como mural
mobiliário tela**





250

120

80

200

385

80



O bolsão
o Joquei &
mobiliário modular



O **Mobiliário Modular** ocorre em alguns trechos da Rua 3. Este está implantado em toda a intervenção da quadra do Jôquei e na intervenção no Beco da Codorna.

O **Mobiliário Modular** possui duas funções conceituais fundamentais para a definição de sua forma: o **Acolhimento** e o **Volume Tela**.

É um elemento de concreto armado moldado in loco, como um só corpo, que tem sua forma alterada de acordo com a necessidade, com as restrições e com as possibilidades que local em que será disposto oferecem.

Possui algumas diretrizes que perpetuam em todos estes elementos da Rua 3. A primeira diretriz é a largura mínima do banco de 80 cm, podendo chegar a 120 cm, o que proporciona conforto mínimo a quem precise dormir neste local. A segunda diretriz é a cobertura, esta acontece na maioria destes mobiliários, permitindo uma pequena proteção às intempéries. As mesas fornecem um espaço cômodo para as refeições. Estes elementos possibilitam mimetizar, de maneira modesta, um espaço residencial, o que provê um acolhimento mínimo à aqueles que se encontram em situação de rua.

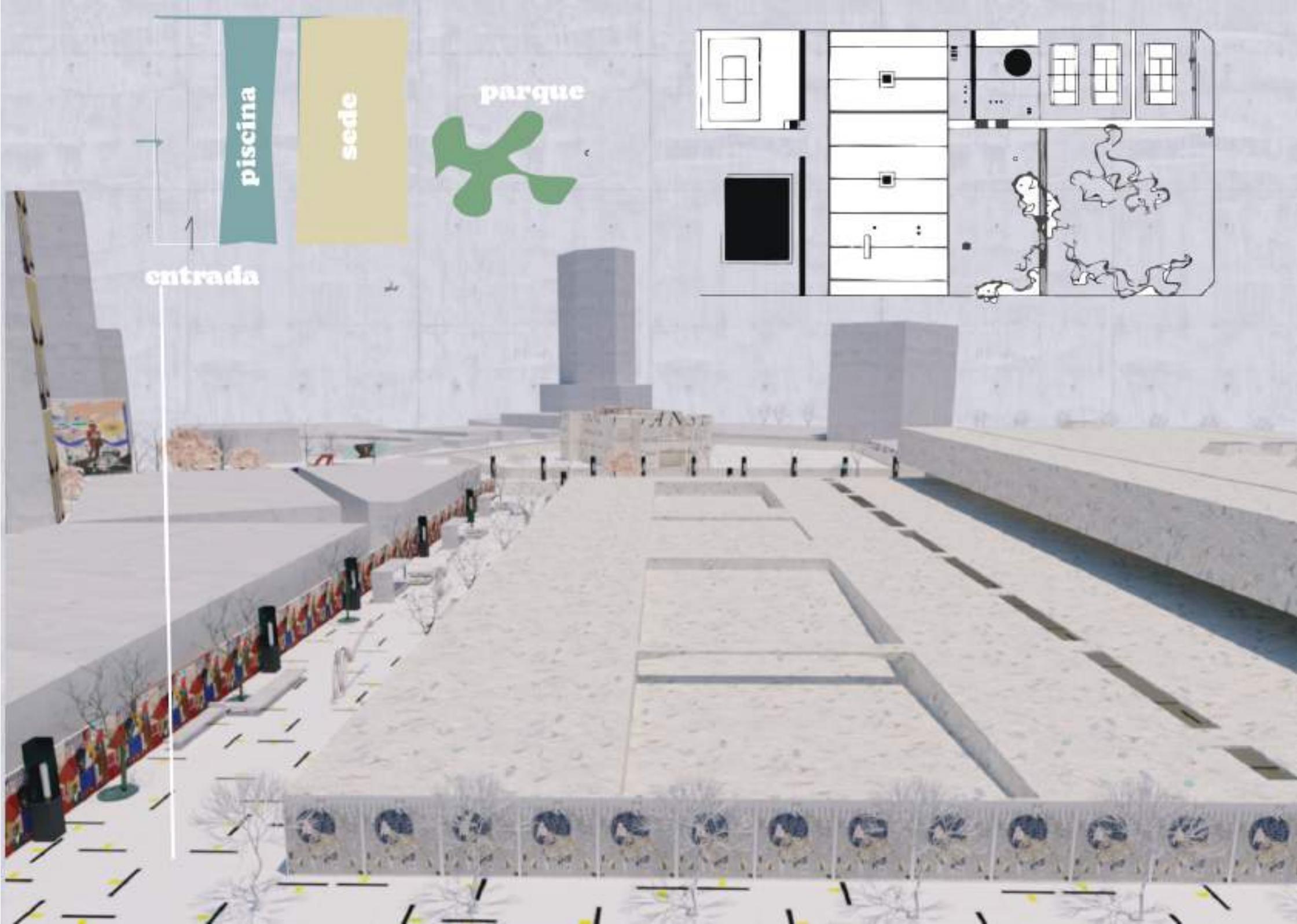
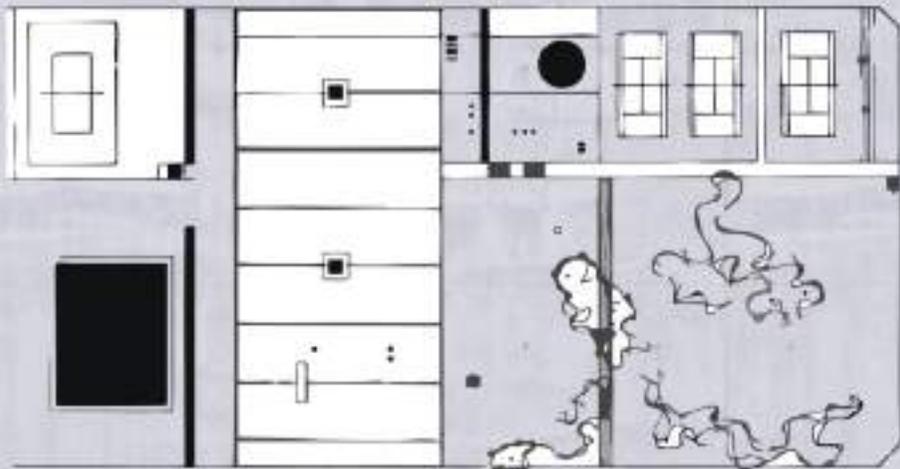
O conceito do **Volume Tela** ocorre nos mobiliários e em outros elementos desta intervenção. A intenção destes volumes é dar mais espaços para intervenções artísticas, proporcionando assim mais oportunidades ao usuário artista, construtor e parte da rua

piscina

sede

parque

entrada









PRAÇA DAS IDADES

LÚDICO
ACESSÍVEL
VISÃO SEGURANÇA
O PEDESTRE
O OBJETO METAESQUEMA

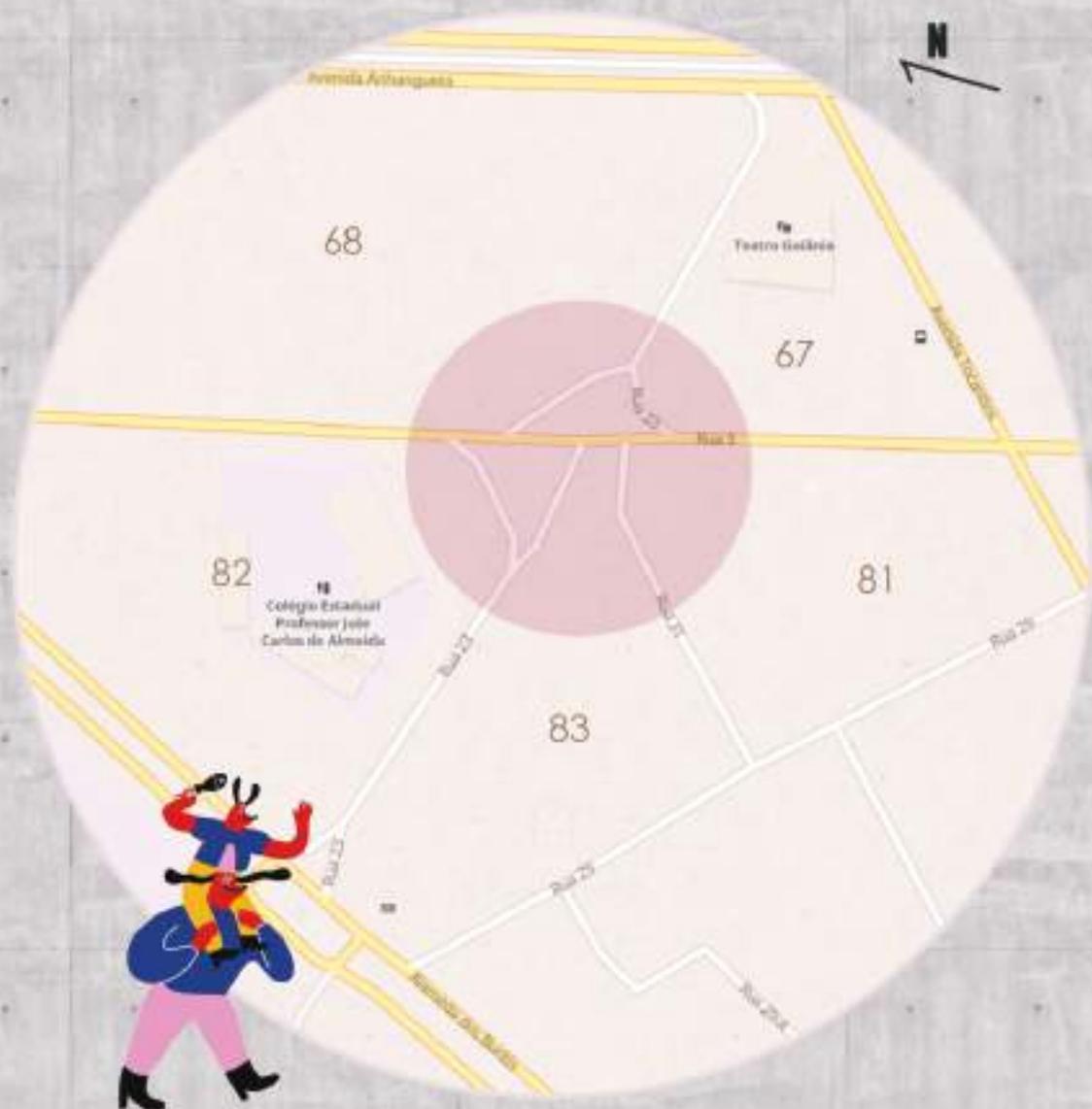
PRAÇA DAS IDADES

Um espaço recortado, a frente do Colégio Estadual Professor José Carlos Almeida, local próximo à Vila Cultural Cora Coralina e ao Teatro Goiânia. Uma praça é criada a partir da união de uma pequena parte da quadra 83, com uma ilha, que funciona como bolsão de estacionamento, entre as ruas 3 e 23. A ilha entre a quadra do Jôquei Clube e o Teatro Goiânia também é parte desta intervenção.

A praça a ser implantada nesse sítio possui dois intuitos: acolher as crianças e os idosos, promover um convívio rico e harmônico entre as gerações. Essa praça é um local que possui mobiliários lúdicos, inspirados nos Metaesquemas de Hélio Oiticica. É um espaço arborizado, rico em texturas, cores e bancos. Possui espaços gramados, áreas com areia, pavimentação que se diferencia da parte restante da quadra. Um espaço de permanência para idosos, crianças, seus cuidadores e também um espaço para carrinhos de pipoca e carrinhos de churros.

É um espaço que possui grande permeabilidade visual, para que os responsáveis consigam proteger suas crianças.

A Rua 3 fica compartilhada entre veículos e pedestres a partir do corredor para pedestres na quadra do Jôquei Clube e permanece assim até o encontro com a quadra do Teatro Goiânia. A Rua 23 fica compartilhada a partir da praça criada até a Avenida Anhanguera. Essas medidas foram tomadas para que os veículos diminuam a velocidade e que seus condutores se atentem mais com pedestres nesta região, evitando, assim, acidentes.





PRAÇA DAS IDADES



RUA 31

RUA 13

RUA 3

RUA 23

RUA 23

RUA PEDESTRE JOQUEI

VILA CULTURAL
CORA CORALINA

Collection Euro

12



TEATRO GOIÂNIA

VILA CULTURAL CORA CORALINA

JOQUEI CLUBE

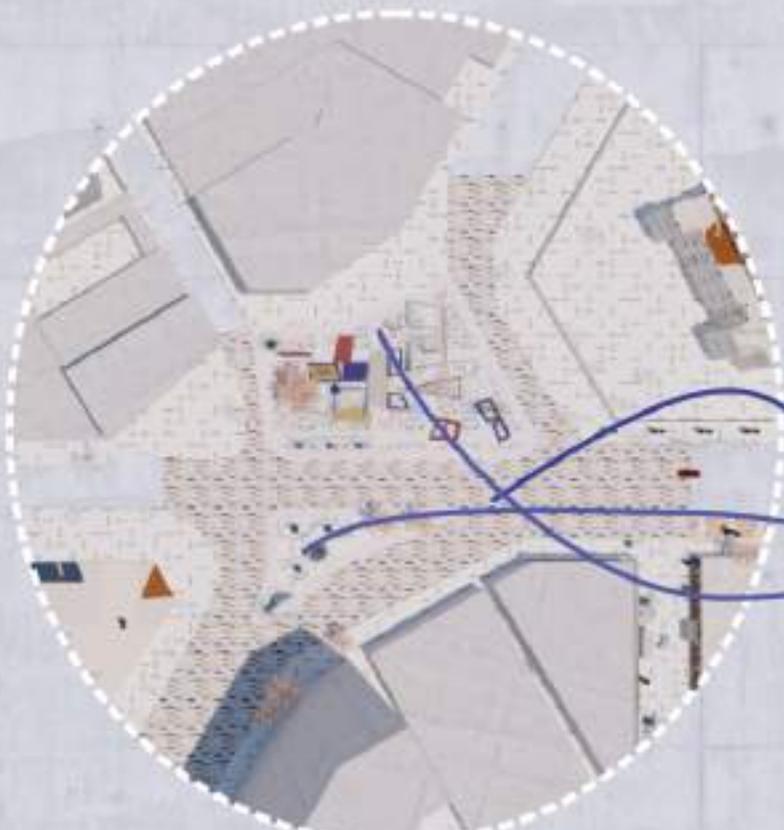
RUA COMPARTILHADA

DUAS PRAÇAS

MOBILIÁRIOS DE USO MÚLTIPLOS

BANCOS BRINQUEDOS, FLOREIRAS

Ambiente de permanência para crianças e idosos

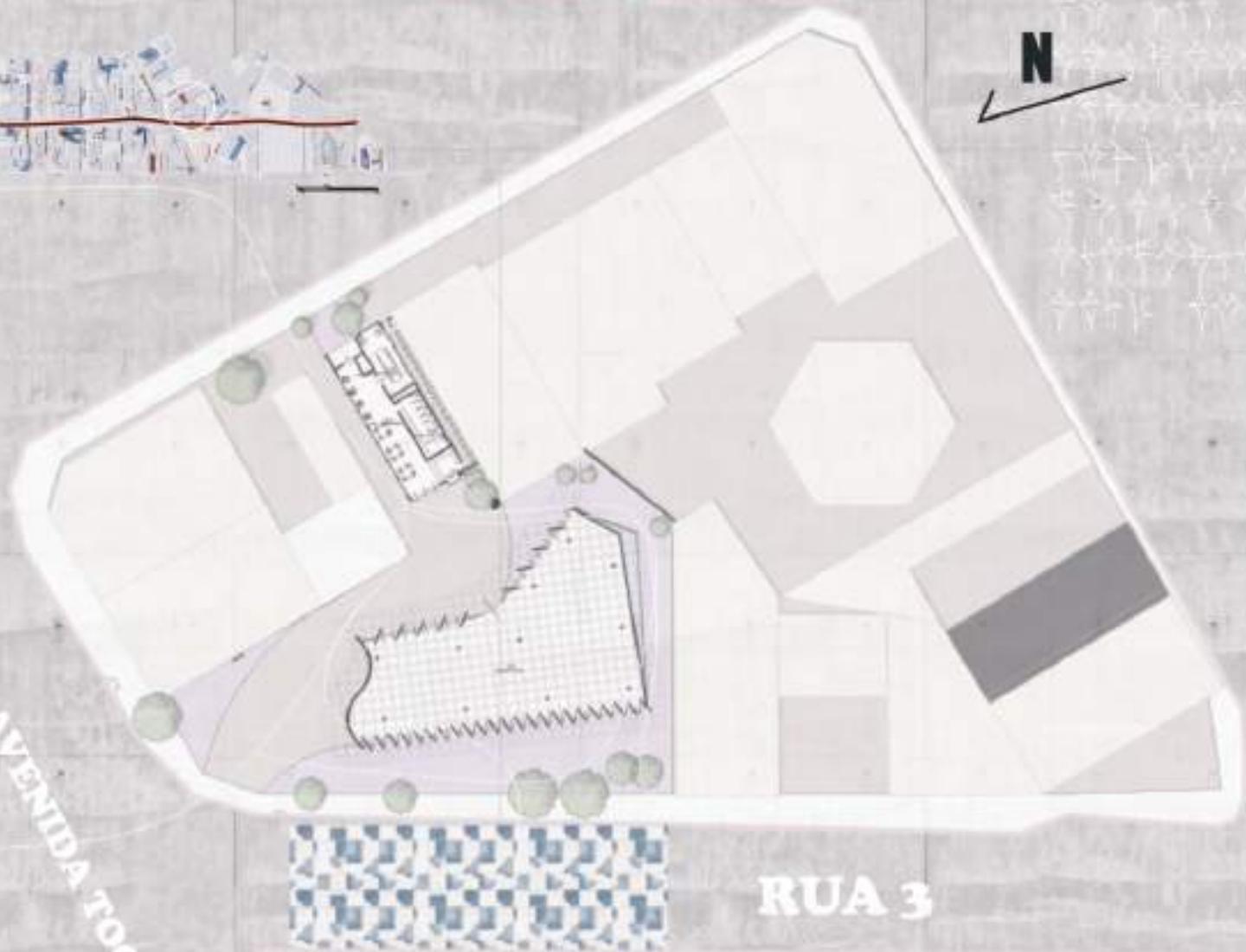






MUSEU DA ESCULTURA

MUSEU DE EXPOSIÇÕES EFEMERAS

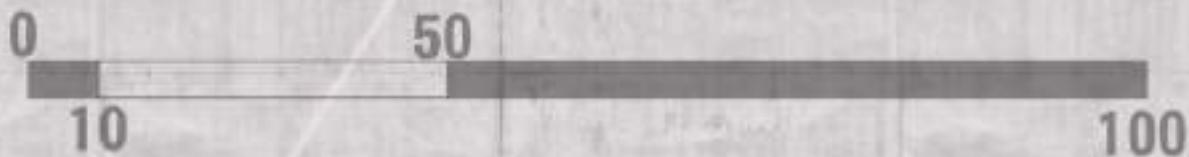


Edifício rótula

Quadra porosa

A construção do vazio

O valor do existente



AVENIDA TOCANTINS

RUA 3

Um museu de exposições efêmeras projetado para acolher esculturas

Este museu é separado em três elementos: A Casa dos Arcos; A Praça Dalton Paula e O Edifício Rótula.

A Casa dos Arcos é um edifício que já está construído. Esta casa possui uma cativante estética, com elementos que marcam e refletem outros edifícios do centro de Goiânia. Essa residência possui marcantes arcos e azulejos na sua fachada, tanto na entrada para pedestre, quanto na sua garagem. Este edifício, por sua relevância estética e a possibilidade de abertura da quadra que seu agregar possibilita, foi incorporado ao lote que se encontra entre a Rua 3 e a Avenida Tocantins. É neste local que a curadoria do Museu, a bilheteria, o sanitário e a cafeteria se encontram.

A Praça Dalton Paula é o elemento que une e permeia o Museu. Possui esse nome em homenagem ao brilhante artista goiano que inspirou inúmeros debates e palestras sobre a forma da representatividade de pessoas pretas. Sua obra mais famosa, *Zeferina* está atualmente no MASP, onde foi capa de seminários. Esta praça que também é uma via para pedestres, possui mobiliário inspirado -assim como a Praça das Idades- na obra de Oiticica. A praça se abre para que murais que devem pintá-los à maneira que se identificam e querem serem vistos é um espaço via, um elemento de passagem, um espaço lúdico e permanência em decorrência do mobiliário, mas acima de tudo é um espaço para contemplação.

O Edifício rótula é um pavilhão de exposições. É formado por linhas de pilares de concreto, painéis brises, que orientam a passagem e o olhar ao edifício e se tornam telas a serem pintadas pelo usuário que constrói a rua. Possui uma porta principal para exposições fechadas e 38 portas para exposições e eventos abertos, que se comuniquem com a Vila Cultural Cora Coralina, unida ao Museu por uma parte da rua 3 que será compartilhada entre pedestres e veículos. Uma empena curvada toma posse da fachada direcionada à Avenida Tocantins, esta possui essa estética para conduzir o usuário além de fazer alusão a antiga sede do Banespa, edifício do grande arquiteto Ruy Ohtake, que fica a poucos metros do local. Uma laje nervurada permite que grandes vãos ocorram com uma estrutura, logo, edifício esbelto. Esta se torna um pergolado quando a impermeabilidade não é mais necessária, e fornece às brises e a exposição interna perspectivas diversas ao longo do dia.

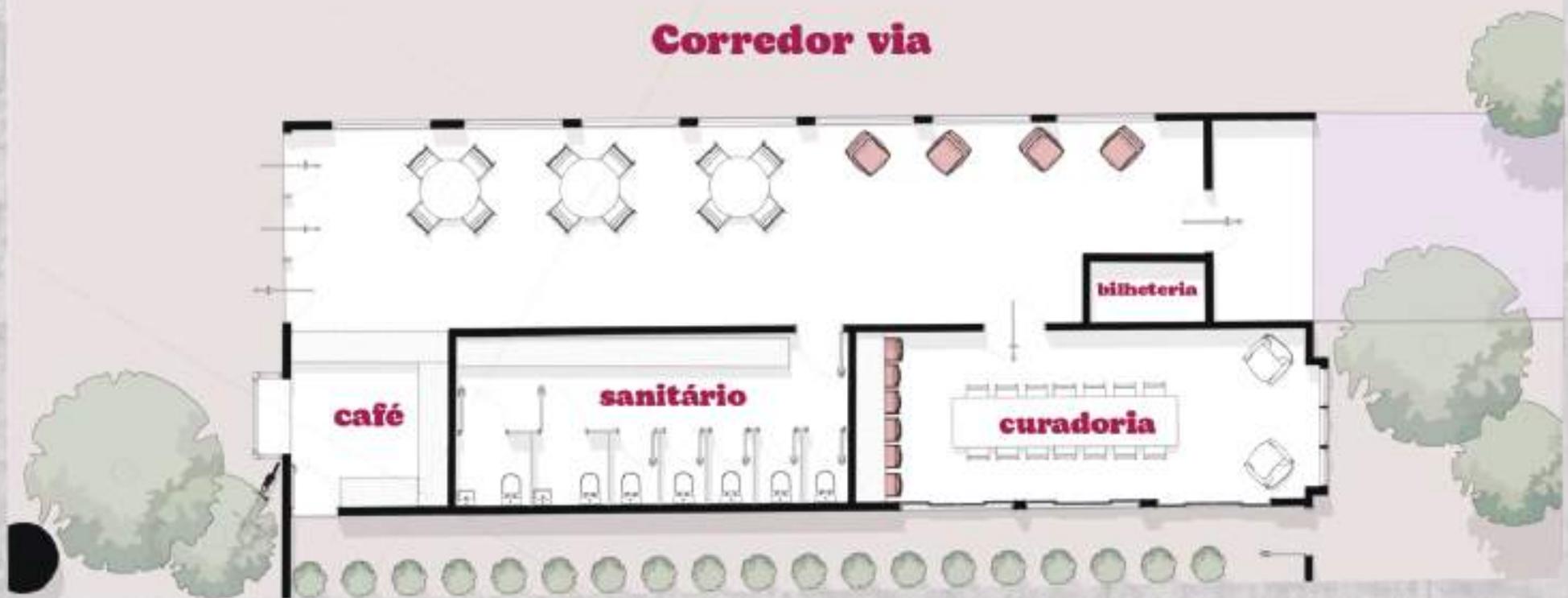






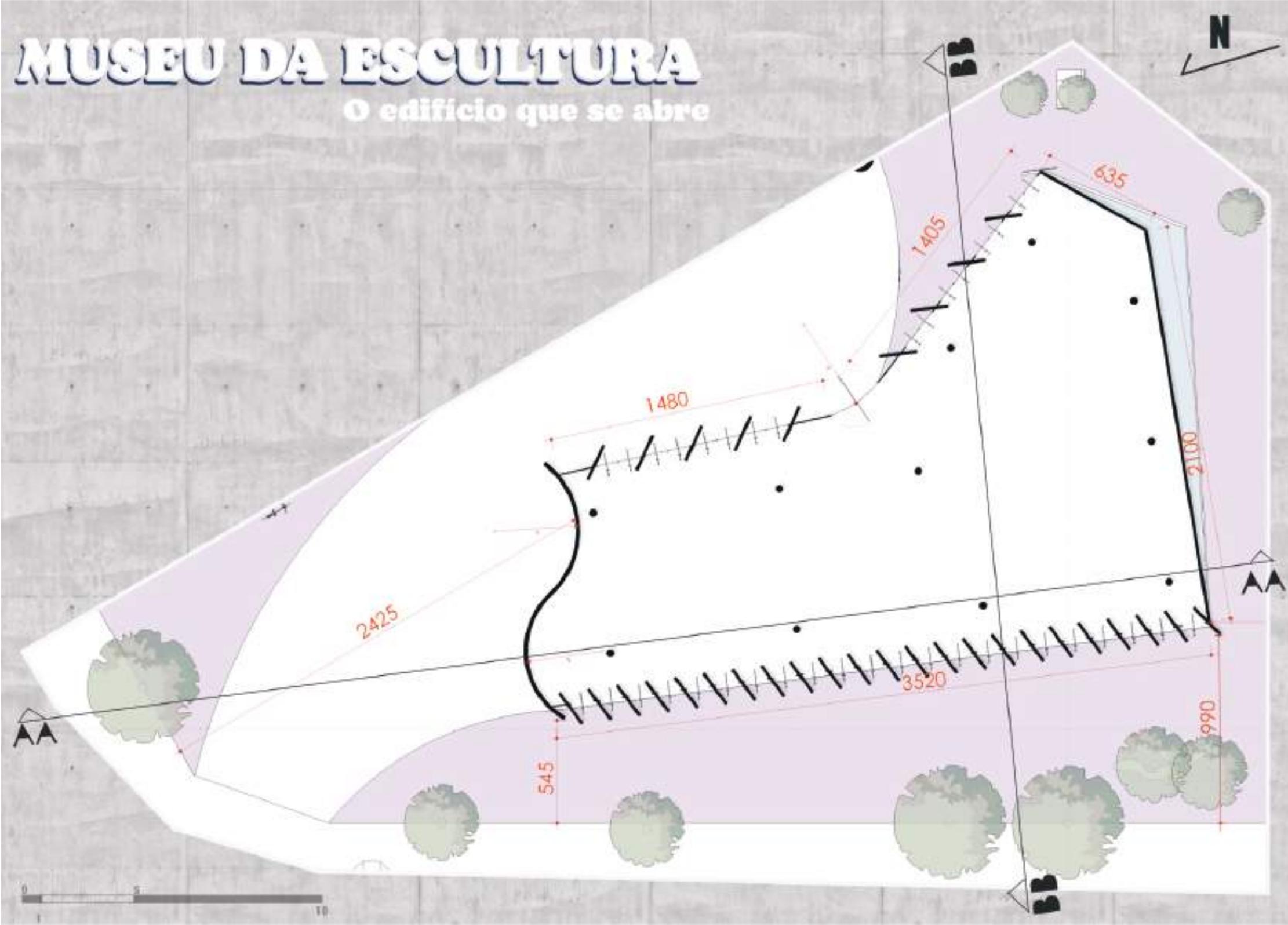
Casa dos arcos
Curadoria
Sanitário não binário
Café
Corredor interno
Corredor externo

Corredor via



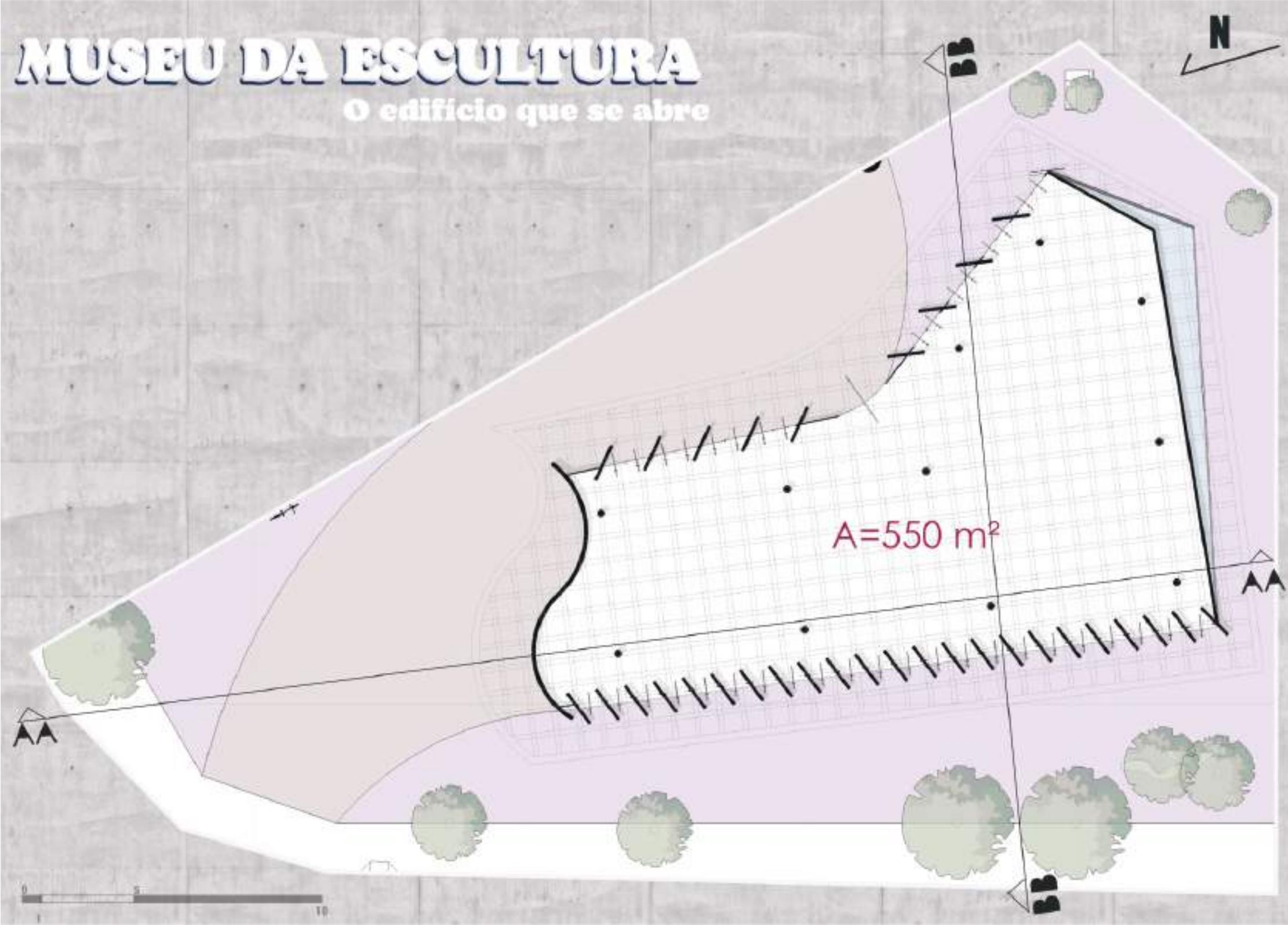
MUSEU DA ESCULTURA

O edifício que se abre



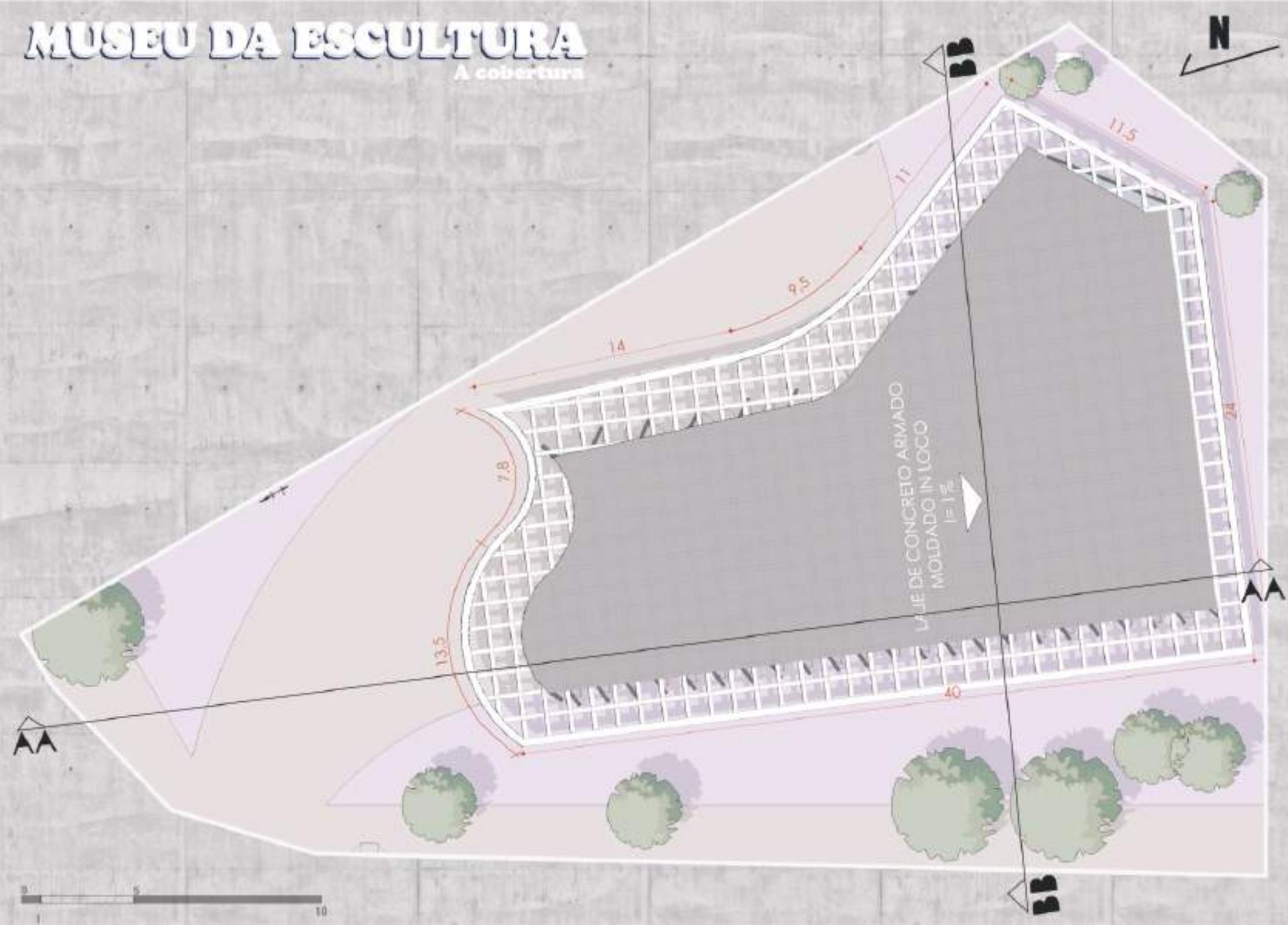
MUSEU DA ESCULTURA

O edifício que se abre

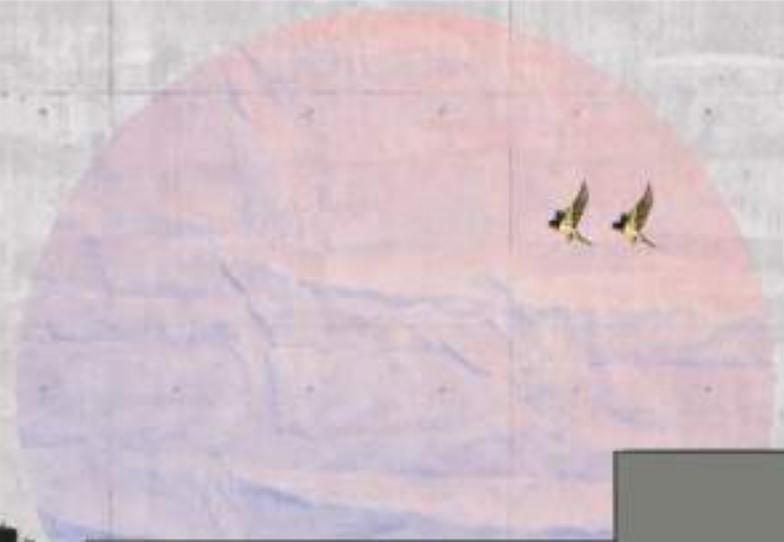


MUSEU DA ESCULTURA

A cobertura



CORTE AA



CORTE BB

it is
what
it is



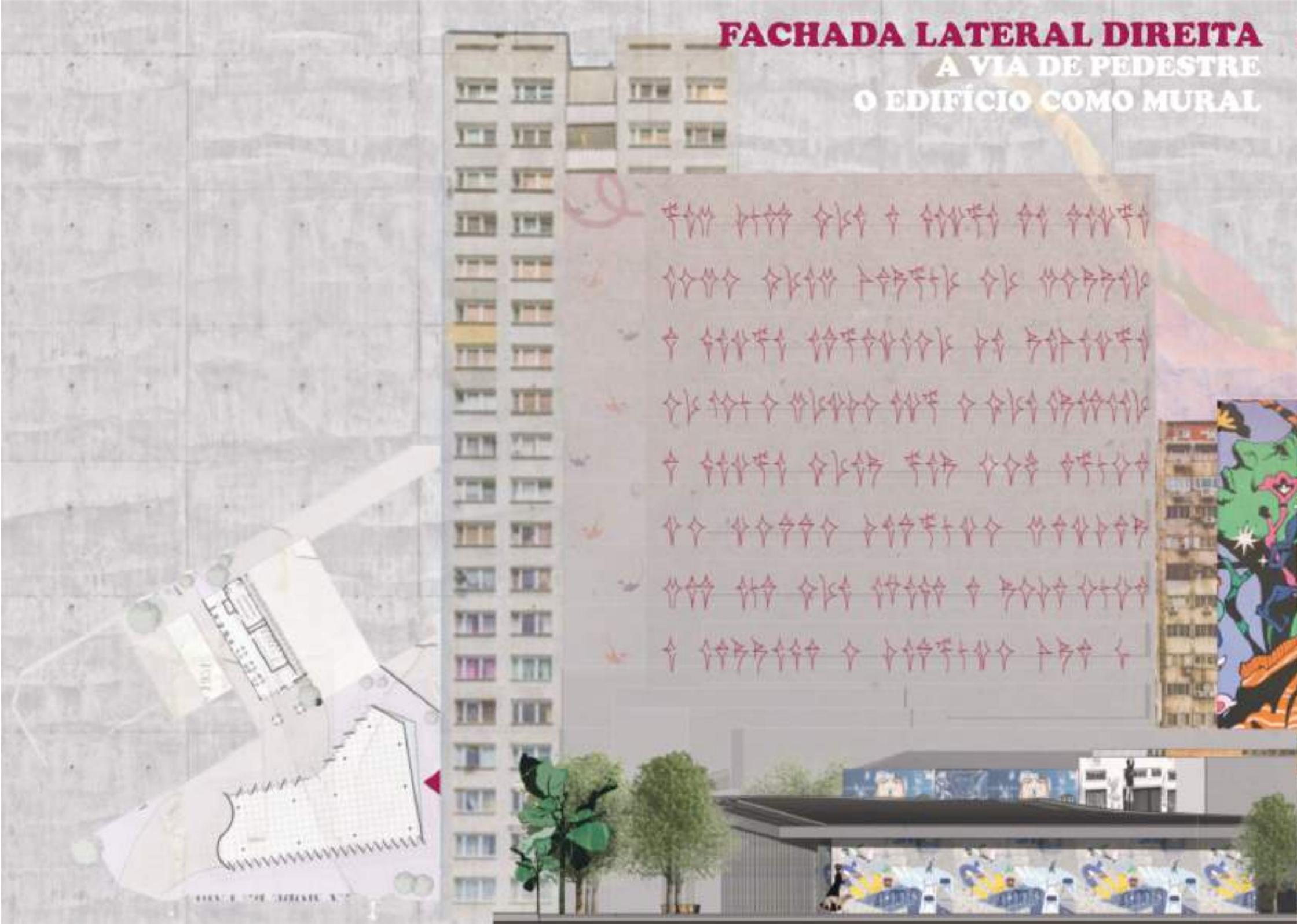
395



Ao deslocar o edifício dos limites do terreno uma via para pedestre, um corredor que se abre para um pátio intimista, que quase se estabelece como um beco é constituído. Esta abertura do lote, junto a decisão de revitalizar e agregar um edifício que já existia concedeu porosidade a quadra.

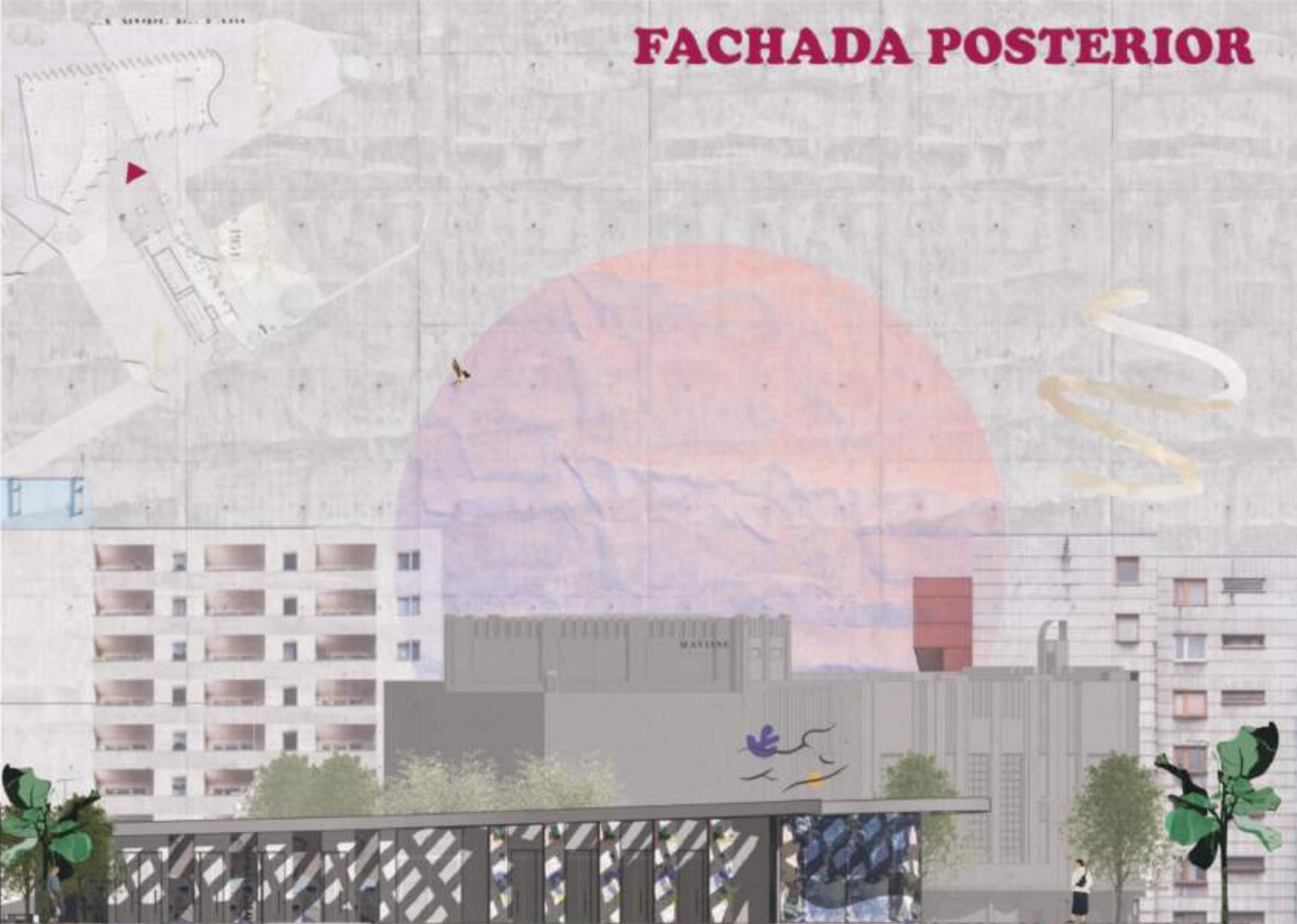
Além deste ponto, essa porção da intervenção possui um espelho d'água, que não só deve refletir o mural elaborado nessa empena cega, proporcionando uma nova perspectiva à obra de arte, como também obriga que o usuário se afaste do mural, podendo assim compreender a obra como um todo.

FACHADA LATERAL DIREITA A VIA DE PEDESTRE O EDIFÍCIO COMO MURAL





FACHADA POSTERIOR





Esta fachada está em um ponto de transição entre a Casa dos Arcos e o Edifício Rótula. Portando, algumas brises serão orientadas a possuir murais de azulejo, trazendo um pouco da materialidade do edifício existente ao novo elemento.

FACHADA AVENIDA TOCANTINS



Na fachada que se encontra entre a Rua 3 e a Avenida Tocantins, uma empena curvada orchestra o fluxo de pedestres e revela o edifício como uma grande tela a ser transformada em uma obra a partir da intervenção



FACHADA RUA 3

OS PAINÉIS QUE SE ABREM PARA A RUA 3
O EDIFÍCIO QUE PODE SE ABRIR PARA O CORA CORALINA







Buca

**Rua
Compartilhada**

Museu da Escultura



O BECO



A proposta elaborada para o Beco da Codorna foi separada em três componentes: O Corredor, O Edifício e O Labirinto. Entre estes componentes, unindo-os, há a Praça Câmara Filho.

Beco dentro de Beco

dentro de Beco

No quarteirão do Beco da Codorna, na Rua 3, ao lado do Centro Municipal Goiânia Ouro, há dois estacionamentos. Estes lotes circundados por elementos culturais e boa infraestrutura, não servem a cidade mas sim ao carro. Por estarem subtilizados empobrecem a vida do Setor Central. Serão nestes dois lotes que um labirinto artístico irá se revelar, prolongando a área do Beco, o conectando com a Rua 3, sem desprover a população que utiliza este lugar da sua intimidade. Pequenos Becos, formados pelo Mobiliário Modular, foram constituídos. O Beco da Codorna não deixa de ser Beco com a abertura, mas se multiplica, transforma, acolhe e abre espaço para ampliar este museu a céu aberto.



Mecanismos para a apropriação dos lotes:

II - imposto sobre a propriedade predial e territorial urbana progressivo no tempo;

III - desapropriação com pagamento mediante títulos da dívida pública de emissão previamente aprovada pelo Senado Federal, com prazo de resgate de até dez anos, em parcelas anuais, iguais e sucessivas, assegurados o valor real da indenização e os juros legais.

O BECO & A PRAÇA

O TEATRO
A PRAÇA
OS BARES
A ADMINISTRAÇÃO
O APOIO
A CONTRA-ARQUITETURA DE GÊNERO

LOCAL DE APOIO PARA TRABALHADORES DA NOITE
ESPAÇO DE MANIFESTAÇÕES E ACOLHIMENTO
ESPAÇO DE CONVERGÊNCIA



ADMINISTRAÇÃO **PRONTO
SOCORRO**



ENTRADA, SANITÁRIO E ACESSO

LABIRINTO EXPOSITIVO

Labirinto

**Praça Câmara Filho
Beco da Codorna**

Edifício Deco

Corredor de bares





No labirinto, próximo à Rua 3, há um palco. A intenção deste elemento é que não só ocorram peças e outros tipos de apresentações, como também manifestações políticas. Esta área de intervenção está próxima da Avenida Goiás, local em que protestos recorrentemente acontecem.





Entre a Praça Câmara Filho e a Avenida Anhanguera há um edifício de fachada art deco. Este possui um lote de área=530 m². Nesta edificação estão situados pontos fundamentais para o Circuito Cultural Rua 3. O Primeiro é a administração do circuito, que estará localizada no segundo pavimento. Ainda neste andar, há um posto de saúde direcionado à aqueles que trabalham na noite vendendo seus corpos. Uma profissão vítima de muita violência, formada em grande parte por uma população queer, precisa de um posto de saúde emergencial próximo ao seu local de trabalho no país que mais mata pessoas trans no mundo. No térreo os sanitários para os usuários de todo circuito cultural está situado. O térreo deste edifício será um Marco de Entrada para a Rua 3 pela Avenida Anhanguera, sendo portanto, um espaço de passagem.

*Cerca de 90% da população trans brasileira trabalha com prostituição, tal número revela que esta escolha na maioria dos casos não ocorre por não existir uma grande leva de oportunidades



Marco Entrada - Avenida Anhangaura



O corredor existente que dá acesso ao Beco da Codorna é direcionado a ser uma setor de pequenos bares, onde os usuários compram suas bebidas e comidas e as consomem na Praça Câmara Filho.

Estes bares ocupam um edifício abandonado, ao lado do prédio em que a administração do circuito se encontra.

Os bares apenas fornecem um novo uso à um edifício que não cumpre sua função social, como também movimentam a região, o que traz segurança aos usuários.



Praça Câmara Filho: O Beco da Codorna
O espaço de união desta intervenção

GRANDE HOTEL

**UM ALBERGUE PARA ARTISTAS INTERVENCIONISTAS
A RUA DEVE ESTAR ABERTA E PREPARADA PARA
RECEBER TODES**

**REATIVAR O GRANDE HOTEL COMO HOTEL PARA
RECEBER AQUELES QUE QUEREM VIVER A RUA PARA
SE TRANSFORMAR PARTE DELA**





se far para cair,
que seja de cara,
que eu quebre o nariz

BIBLIOGRAFIA

VAZ, Maria Diva Araújo Coelho; ZÁRETE, Maria Heloisa Veloso. A experiência moderna no cerrado goiano. Vituvius. dez. 2005.

MONTANER, Josep Maria; DIAS, Marina Simone. O direito ao espaço público: Princípios e exemplos.

MACEDO, Danilo Matoso. Espaços da arte e da arquitetura. Reflexão acerca de sua relação

BOAVENTURA, carolina rodrigues. Encontro e memória. O centro de goiânia e o jôquei clube.

PRADO, Nathalie. GÊNERO E POLÍTICAS DA MOBILIDADE A PÉ: ENFOQUES PARA O PLANEJAMENTO URBANO

SILVA, Áureo. TERRITORIALIDADE QUEER: UMA FORMULAÇÃO TEÓRICA APLICADA AO CENTRO DE GOIÂNIA

A Revitalização Urbana: Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. Dez. 2006, n.0 12/13, pp. 15-34

Filgueiras, C. (2020). Moradores de rua: um problema público invisível e hipervisível nas cidades brasileiras. Revista Colombiana de Sociologia, 43

MENDES, Mariana Vilas Bôas: Os moradores de rua e suas trajetórias: um estudo sobre os territórios existenciais da população de rua de Belo Horizonte. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFGM, como requisito parcial para obtenção do título de mestre. Belo Horizonte, 2007.

DRUMMOND, Whashington; JAQUES, Paola. I. EXPERIÊNCIA APREENSÃO URBANISMO. Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea. Editora da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

GOMES, Kleber Cavalcante; TAKARA, Daniel Sanches; HELD, Guilherme Guimaraes; CABRAL Marcelo Serpe De Almeida. Casa de papelão. Convoque seu buda. Oloko Records Arte Musica E Cultura Ltda. São Paulo. 2014.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS. Direito dos moradores de rua: um guia na luta pela dignidade e cidadania. Belo Horizonte, s.d.

NEVES, Delma Pessanha. Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos. CADERNO CRH, Salvador, n. 30/31, p. 111-134, jan./dez. 1999

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares . In: Não lugares: Introdução a uma antropóloga da supermodernidade. 6. ed. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2007, p 71-75.

NOBERGEN - SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In.: NESBITT, Kate (Org). Uma nova agenda para arquitetura: antologia teórica (1965-1995). Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify 2006, p. 443 a 461.

SUDRÉ, LU. "Acordo e olho pro lado para ver se meu amigo está vivo", relata morador de rua em SP: mortes por baixas temperaturas mostram fragilidade no atendimento e nas políticas para população de rua em São Paulo. Brasil de Fato. São Paulo, 2019.

PASSOS, Allan; MENDES, Alessandra. Maloca, lar de invisíveis: Brasil tem política assistencialista, não de moradia para pessoas em situação de rua. Itatiaia. Belo Horizonte, 2021

LEMOS, Yadjla. Entrevista concedida para a compreensão das questões da população queer. Goiânia, 2021

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. Tradução Frederico Bonaldo

ABREU, Vandrê. Existem pelo menos três córregos escondidos no subterrâneo de Goiânia. O Popular. Goiânia. 2021

ARAGÃO, Ricardo. Sistemas de drenagem urbana. Universidade Federal de Campina Grande. In: Preparatório da Engenharia e Agronomia para o 8º Fórum Mundial da Água. Cuiabá. 2017. Disponível em: http://mundialagua.confex.org.br/wpcontent/uploads/2017/10/SistemadeDrenagemUrbana_RicardoAragao.pdf > . Data de acesso: 02/10/18.

COSTA, Ronaldo, C. Parques fluviais na revitalização de rios e córregos urbanos. 2011. 108 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande.

FERREIRA, Alberto; VIANA, Eugênio; PIMENTA, Glenyo. Estudo de caso de uma seção canalizada da Bacia do córrego Botafogo. IUESO: Atividades Supervisionadas. Goiânia. 2014.

HOWE, Kerry. HAND, David. Crittendem, John. TRUSSELL. Princípios de tratamento de água. 2016.

LIMA, [Aryane. Projeto de Restauração do Cheonggyecheon. Projeto Batente, 2018.](#)

MONTEIRO, R. H. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia-GO: UFG, FAV, 2013

OLIVAL, Camila; SILVA, André; BISESKI, Beatriz; RONZAN, Giovanni; OSAKO, Heitor; ROCHA, Mayara; ARAKAKI, Pamela; YUMI ISHIKURA, Patrícia; CAMPOS, Pedro; ALMEIDA, Rafael. Sistemas de drenagem sustentáveis. ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA HIDRÁULICA E SANITÁRIA PHA3337 - ÁGUA EM SISTEMAS URBANOS. Novembro, 2017

ROMERO, Vanessa; FORMIGA, Klebber; MARCUZZO, Francisco. Estudo Hidromorfológico de Bacia Hidrográfica Urbana em Goiânia/ GO. UFSM: Santa Maria. 2017. 340 p.

SEMADS, SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Rios e Córregos Preservar - Conservar – Renaturalizar. A recuperação de rios. Possibilidades e Limites da Engenharia Ambiental. Projeto PLANÁGUA SEMADS / GTZ de Cooperação Técnica Brasil – Alemanha. 2001

SILVA, Juliana; PORTO, Mônica. Requalificação de rios urbanos no âmbito da renaturalização, da revitalização e da recuperação.

Fundo Verde de Desenvolvimento e Energia para a Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro

A graphic illustration of two hands, one light green and one dark green, holding a rectangular sign. The sign is light green and contains the word 'OBRIGADA' in bold, orange, uppercase letters. The background is a light gray grid pattern.

OBRIGADA